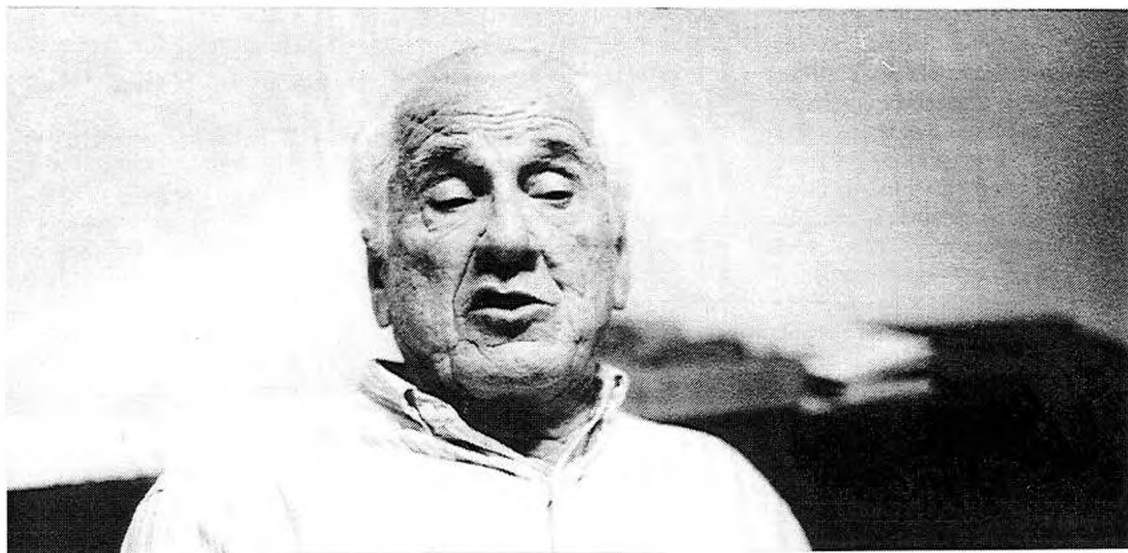


EDUARDO CAMPOS

A tênue fronteira entre a objetividade jornalística e a subjetividade teatral

Autor das peças teatrais mais representadas no Ceará, Eduardo Campos uniu o ritmo prosaico de sua poesia ao pioneirismo na televisão cearense



Ultimo sobrevivente dos Diários Associados no Estado, a pequena torre da já não mais imponente Ceará Rádio Clube guarda e vigia parte importante da memória cearense. Foi lá nos estúdios da antiga PRE - 9 que um sonho faraônico se estendeu a essas terras do bode yô yô: a construção de uma grande tribo de rádios, revistas, jornais e tevês pelo Brasil afora.

O cacique cearense responsável pela empreitada responde pelo nome de Manuel Eduardo Pinheiro Campos, Manuelito Eduardo, no meio jornalístico. Sujeito alto, forte, dono de uma polidez impressionante, Manuelito conheceu de perto ascensão e queda de um império, o império Associado.

Para se ter uma idéia da expressividade dos Diários, em meados da década de 50, o velho Assis Chateaubriand capitaneou 40 publicações, 28 estações de rádio, quase uma dezena de tevês, além de várias outras empresas do grupo. Perto dele, o magnata das comunicações Randolph Heast corria de vergonha. Ainda hoje, os Associados são o sexto maior grupo de comunicação brasileiro.

O próprio Manuelito comandou os cinco veículos do grupo no Ceará, misturando momentos de extremo prestígio, com dores e decepções. Manuelito, por exemplo, teve que suportar o fechamento da TV Ceará, veículo construído sob a sua supervisão. Também fechou o Correio do Ceará, principal jornal do grupo no Estado. *Humor macabro este, o do destino, que na década de 30 fizera Manuelito aprender a ler nas páginas do jornal.*

E assim, um a um, os filhos dos Associados morreram. Restou a Ceará Rádio Clube. E Manuelito Eduardo.

Ainda hoje, a impressão que causa é que sua carreira nos veículos de comunicação foi um acidente. Mais que jornalista/radialista, Manuelito Eduardo sempre deu margem a outro Eduardo, o Campos, o dramaturgo, homem festejado nos circuitos literários, membro da Aca-

demia cearense de Letras e um dos fundadores do grupo Clã.

Engana-se quem pensa que Manuelito Eduardo Campos tem várias facetas. Não, ele é um só. O que, no entanto, não se torna perceptível na face do autor/comunicador é uma linha reta, um traço marcante, qualquer coisa que lhe dê uma feição clara. Quanto mais se lhe olha, menos se sabe o que ele é.

Manuelito Eduardo foi contista, cronista, autor teatral no rádio e na tevê. Por outro lado, quando escrevia suas peças, o jornalista dava o troco com seu realismo cru.

Não pensem os leitores que o mundo de Eduardo Campos é bonito. Não, isso ele bem que tentou ao escrever peças burguesas, quase todas renegadas posteriormente. O mundo de Eduardo Campos é um olhar de detetive sobre o mundo: é a descoberta do Pirambu, do Lagamar, do Morro do Ouro, da libido, malandragem, prostitutas, misérias, da gravidez precoce, do alcoolismo, da alegria e da esperança. O seu mundo é pobre, feio e mal-cheiroso. Um cheiro que sobe às narinas, envolve, não nos larga e faz-nos sentir realmente vivos. Horas depois de ler suas histórias, o cheiro continua forte. São dias, noites, meses com o cheiro da vida nos acompanhando.

O mundo de Eduardo Campos não deixa ninguém em paz, e isso faz o sucesso de suas peças.

Mas o sucesso pouco importa. O que vale, realmente, para este filho de Guaiúba, distrito de Pacatuba num longínquo 1923, é poder viver como se estivesse no palco. Manuelito Eduardo Campos quando fala parece dar vida às palavras, que saem já escritas de sua boca.

Um personagem, no entanto, fala à sua galeria de tipos. Falta um personagem que encarne o Futuro de uma época e a História de outra, um patrão severíssimo, capaz de perceber a alma dos humildes de forma tão aguda. Falta um contador de histórias, um típico Manuelito Campos. Se não ao seu Teatro, ao menos à História do Ceará.

Entrevista com o escritor e dramaturgo, dia 09/08/96

Produção:

Erick Guimarães, Ismael Furtado e Rodrigo de Almeida
Redação, edição e texto final:

Erick Guimarães, Ismael Furtado e Rodrigo de Almeida

Participação:

Ana Cecília Mesquita, Ana Mary Cavalcante, Dante Accioly, Emanuel Furtado, Erick Guimarães, Fabiana Moura, Fabiola Nascimento, Giovana de Paula, Ismael Furtado, Rodrigo de Almeida, Sérgio Ripardo, Sílvia Bessa
Foto: Francisco Bandeira

Entrevista - Doutor Eduardo Campos, a gente vai começar a entrevista. A gente levantou todo um material a seu respeito e escolheu duas áreas de atuação da sua vida: o papel de comunicador e sua atuação, como dramaturgo e como literato, o campo das artes e o campo da comunicação. E a gente queria começar com a questão da dramaturgia, para que o senhor falasse do seu início como ator. O senhor vem de uma família onde a cultura e as artes têm um papel muito importante. O senhor tem tios que falavam línguas, tias que tocavam piano, mas a questão do Teatro, entra aí de uma forma muito primária, de uma forma muito pouco profissional, amadora...

Eduardo Campos - Na verdade, foi isso mesmo.

Entrevista - Eu gostaria que o senhor comesse contando como foi...

Eduardo Campos - Bom, quando eu tinha mais ou menos uns seis anos ou sete anos, assisti o meu pai representar num dramalhão de três atos que se chama "Os Dois Sargentos". Antigamente, essa peça era representada em todo o Ceará, em todo o Nordeste, e acho que em todo o Brasil. Era um drama português, um drama de muito choro, muitas lágrimas, etc.

E eu vi o meu pai representando, eu não tinha assim uma perspectiva, eu não sabia o que era teatro. Me levaram lá. No Sertão não se diz assim, um teatro. É um drama. Um drama? Um drama. E aí nós vamos ver o drama. O drama era "Os Dois Sargentos". Bom, e nesse dia, aquilo me impressionou vivamente, eu passei a ver meu pai outra figura, porque o meu pai aparecia lá como a figura de um marinheiro, não sei se ele era um dos sargentos. Eu sei que ele estava num barco, e era um barco de papel, papel vermelho — porque nós gostamos muito das cores primárias, nós, os caipiras, né? Gostamos muito da cor primária — e o barco era vermelho e chamava muito a atenção. E meu pai naquele barco, e eu fiquei impressionado, vendo aquele meu pai em cima do... Só em ver o meu pai em cima do palco já era grande coisa. E isso me deu uma sensação incomum, espetacular. Eu fiquei muito impressionado. E aquilo deve ter ficado na minha cabeça. Essa é uma passagem.

A outra passagem é... Afinal de contas o que é o Bumba Meu Boi? O Bumba Meu Boi é um auto, um auto popular, é um drama popular. Talvez uma das encenações populares mais felizes que nós temos é o Bumba Meu Boi, é o folguedo do Bumba Meu Boi.

Eu também, por ali assim, entre sete e oito anos, assisti a uma dança dessas na Pacatuba (cidade do interior do Ceará). Ele passava, vinha aquela figura táurea, que era o boi, vinha à frente e trazia uma lamparina, vinha o vaqueiro iluminando o trajeto, desfile do folguedo e aquilo também me impressionou. Não sei. É teatro. O outro também era teatro. Essas duas coisas me impressionaram.

E depois, posteriormente, eu assisti aos meus familiares na casa da minha tia Elvira, que foi a mulher que me deu o primeiro livro, *As Aventuras do Barão de Münchaussen*. Lá na casa dela, eles pegaram uma mesa da cozinha, botaram em cima uma estopa para forrar melhor, puxar aquilo, e representaram todos os três. Era um negro, um negro vinha meio aperreado lá da casa, uma coisa assim, eu não me lembro. Eu sei que era um drama também. Então essas foram as três manifestações.

E a outra manifestação, eu já mais taludinho, eu já morava na rua do

"Quando eu tinha mais ou menos uns seis ou sete anos, assisti meu pai representar num dramalhão (...) que se chama 'Os Dois Sargentos'. (...) Eu não sabia o que era teatro."

Imperador (rua de Fortaleza), eu tinha um amigo — eu não tinha um amigo, ele gostava de mim, essa é que é a verdade, porque eu não tinha idade para um cidadão talvez de seus quarenta anos ser meu amigo, eu com nove, dez anos — e ele gostava de mim, me achava inteligente, e um dia ele me convidou para assistir a uma peça de teatro. Aí, sim, já era teatro, e era no (Teatro) José de Alencar. Estou contando porque essas coisas se amaram. Então, ele foi à minha mãe e disse: "Olha, dona Isabelzinha, o Manuelito gosta tanto, fala tanto assim de encenação, de teatro, eu vou levá-lo para ver um teatro mesmo, vamos ao Zé de Alencar". Era um Teatro de Revista, um teatro desses reboados, essa é que é a verdade. E ele enganou minha mãe dizendo que não, que era uma coisa inocente, que não fazia mal a ninguém, que eu podia ir. Aí a minha mãe recomendou: "Olha, cuidado! Não leva este menino para um negócio que ele não pode ver".

Cheguei lá era uma coisa danada.

Era um sujeito perseguindo uma mulher, queria se agarrar com uma mulher. Já naquele tempo já tinha coisas desse jeito. E eu achei divertidíssimo, não é? Quando eu voltei para casa, minha mãe perguntou como é que tinha sido, e eu: "Não, tudo bom". E ele: "Ó, está aqui o menino, tudo em ordem, acho que ele gostou bastante, não é Manuelito?" "É, eu gostei bastante".

Aí quando eu entrei, a minha mãe pôs-me debaixo de confissão e queria que eu contasse o que é que eu tinha visto. Eu disse: "Não, era uma cena de um homem correndo atrás de uma mulher". Aí a empregada, que era muito maliciosa, fez aquele hum, hum — nós temos uma linguagem muito boa, não é? (imitando o som) Hum, hum. É porque ela tava sabendo que não era mesmo (risos). E minha mãe era uma criatura muito boa, muito cândida, e acreditava em tudo, e achou que era aquilo mesmo.

Bem, a minha vida de Teatro, nesta época, se liga aí. E eu também, na casa do professor Nazareno Pires (pronunciando bem cada sílaba), na casa dele foi onde eu ouvi pela primeira vez a coisa chamada rádio. Eu assisti pela primeira vez, isso era em 1934, a Ceará Rádio Clube, esta emissora estava começando. E ele tinha um alto falante que não era ligado a um receptor, era algo assim que ficava em cima de um móvel. Era um móvel metade deste guarda roupa aí (aponta para um móvel), vamos dizer assim, e a parte de baixo que ele manuseava ficava num deck, não era um deck, eu tô chamando assim um deck, era assim um armário, e em cima ficava o alto-falante. Eu tô contando essas coisas, porque essas coisas são fundamentais. Aí eu vi o teatro verdadeiro com ele e vi o rádio verdadeiro com ele. Porque eu era meio curioso, e já fabricava, sai pra fabricar uma coisa chamada ga-le-na... Isso é um brinquedo que talvez vocês não tenham tido. Usa-se um cristal e uma agulha, uma ponta de uma agulha, e o cristal tem uma bobina, uma bobina tem doze, treze voltas, e essa bobina funciona como um receptor. E arranja-se um fone e se tem a galena. E o que é uma galena? Bota-se uma antena e a galena sintoniza a estação, principalmente naquela época que só se tinha uma estação aqui. Então, com esse aparelho, que era um aparelho que quase todo mundo, ninguém tinha dinheiro, nós éramos pobres, e a vizinhança toda não tinha esse negócio de rádio. Quem tinha rádio? Era a galena, mesmo.

Entrevista - Antes de a gente iniciar a falar sobre o rádio, eu gostaria que o



A equipe de produção conversou com Eduardo Campos alguns dias antes da entrevista, na sede da Ceará Rádio Clube. Foram colhidas informações sobre o entrevistado também através de jornais, livros e depoimentos.

As informações variavam da sua infância em Pacatuba à atuação como escritor. Do dramaturgo ao líder classista. Do radialista ao presidente da Academia Cearense de Letras.



A equipe de produção escolheu duas áreas de atuação de Eduardo Campos para conduzir a entrevista: a dramaturgia/literatura e a comunicação.

senhor contasse, pegando o final da história que o senhor falou que foi ao teatro pela primeira vez, como foi o início como ator. O senhor, quando viu essa peça lá no teatro, teve vontade de encenar?

Eduardo Campos - Não, eu já entendi a sua pergunta e é fácil explicar. Não, eu não estava acordado para, vamos dizer, o poder que eu tenho de comunicação, e isso é muito importante. Mas eu não estava acordado para isso. Eu fui acordado, eu fui tocado pelas irmãs Ferreira Lima, quando eu fui estudar no Educandário Santa Maria em 1939. As irmãs Ferreira Lima faziam as coisas, eram uma trindade. Tudo que faziam eram juntas. Eu não sei o que era aquilo. Elas se juntavam e "vamos fazer um teatro". Elas tinham um teatrinho e aproveitavam os alunos para a sua representação. Então me chamaram e me mandaram ler, isso sem eu estar advertido de nada, pediram para eu ler: "Leia aí, leia aí em voz alta". Depois eu vou explicar porque eu li bem em voz alta. Aí eu fui, li. Li bem, bem mesmo. Aprovei logo. Quando eu acabei de ler: "Bom, vai ser o Anás". Foi assim que eu entrei no Teatro.

Comecei a subir no palco como ator. Num ano eu subi como Anás, no outro passei logo para Caifás. E no terceiro ano, então, foi meu deslumbramento, passei para Jesus Cristo. Eu era até bonito nessa época, e fiz um Jesus Cristo e ganhei dinheiro. Ganhei oitenta mil réis naquele tempo, eu acho que era a moeda. Deu pra comprar um relógio para minha mãe, uns presentes, um presente para mim, para meu pai, para todo mundo, Foi um dinheiro. Fiquei rico!

Naquela época, naquela encenação, foi uma veneração, era só o que se falava no Benfica (*bairro de Fortaleza*) porque o teatro era o hoje Teatro Universitário. Era uma versão antiga, o teatro não era bem aquele, ficava mais nos fundos, um pouquinho mais adiante. Depois é que houve uma reforma e que se passou para aquele teatro. Eu não trabalhei exatamente naquele teatro. Eu trabalhei no teatro antigo, que pertencia ao Educandário Santa Maria, e que funcionava exatamente naquele lugar. Bom, aí, está respondida a pergunta do teatro.

Entrevista - Essas irmãs Ferreira Lima eram as diretoras...

Eduardo Campos - Era. Era dona Creuza, dona Laís, chamada Laizinha e tinha outra que eu não me recordo o nome. É uma injustiça muito grande da minha memória, mas eu não estou recordando o nome. Mas essas duas eu me lembro bem: a

Laizinha e a dona Creuza. A dona Creuza é que era a diretora.

Entrevista - Manuelito, em 1941, foi encenado na inauguração do Teatro Escola Renato Viana, a peça religião, um drama de sua autoria, que foi inclusive muito elogiada. Foi elogiada até no jornal "O Nordeste". Como foi essa passagem de ator para autor teatral?

Eduardo Campos - É porque aí eu já tinha uns pruridos, eu já tinha um desejo mais para escrever do que para representar. O que eu queria ser era mesmo escritor. Um escritor no drama, ou escritor no conto ou no romance. Tanto que exatamente no Educandário Santa Maria, eu fui o diretor do jornal. O jornal chamava "Helios", do latim sol, e eu era o diretor. E lá escrevi o meu primeiro conto. Isso em 1939. Escrevi um con-

"Eu já tinha uns desejos mais para escrever do que para representar. O que eu queria ser era mesmo escritor. Um escritor no drama, um escritor no conto ou no romance."

to chamado "Agonia". Ihhh! era uma história horrível. História de um sujeito que tinha uma paixão. E a mulher viajou, ou ele viajou, e quando voltou encontrou uma ama com uma criança e perguntou: "De quem é essa criança?" E a criança era da amada dele, que ele havia deixado. Ah, horrível, tipo da história tola.

Mas "Agonia" já mostrava um enredo. Já mostrava o quê? Já mostrava um sentimento, uma paixão. Já mostrava que as aventuras amorosas, nem todas elas são bem sucedidas, há muitos tropeços. E se não fora esses tropeços, evidentemente, não haveria romance. O romance, o que é o romance? O romance não é coisa fácil. O romance é coisa difícil. Se você faz tudo fácil, não tem nada, não presta, isso não é romance. Então ele foi infeliz, porque ele viajou, ela viajou, ele perdeu o contato, e quando voltou à procura dela, ela já havia dormido com outro. Então isso aí sim, isso aí é um romance, é um romance trágico, isso é uma tragédia. Bom, só para lhe contar.

Nessa época, eu já escrevia, instintivamente. E, quando eu cheguei no Ginásio Fortaleza... Mais ou menos na mesma época quando eu saí do

Educandário Santa Maria, fui para o Ginásio Fortaleza, que se instalou em 1941, creio eu. E aí, eu também fui diretor de uma revista chamada "A Fortaleza". E essa revista tem um conto meu: o "Hóspede do Quarto Treze", mais ou menos assim. Isso é um misto de romance policial, de história policial. Mais aí eu já era contista. Eu era mais contista, eu não tinha escrito nada de teatro. Mas eu já escrevia.

Quando nós fomos para o teatro, eu só representando, nós chegamos à conclusão de que era preciso escrever, tanto que quando nós inauguramos o Teatro, não foi com peça minha, não. Depois foi que apareceram as peças. Nós montamos as peças de Gastón Tongeo, do Juraci Camargo, Raimundo Magalhães Júnior, que eram os autores da época, os autores mais representados da época. Depois é que nós chegamos à conclusão, tanto eu como o Artur Eduardo Benevides (poeta, escritor e professor cearense, presidente da Academia Cearense de Letras), que era preciso escrever, porque nós não tínhamos repertório para fazer. Então foi quando eu escrevi "A Religião" e escrevi mais oito peças, nessa época. Escrevi "O Homem que Queria ser Doido"...

Entrevista - E qual era o gênero destas peças?

Eduardo Campos - Nós imitávamos muito o Renato Viana, que fazia um teatro filosófico. O Renato Viana, as peças dele eram sexo, Deus, era um negócio mais ou menos assim, "O Divino Pecúlio". Essa é a melhorzinha dele. Essas outras são intragáveis. Então, naquela época, não tínhamos uma compreensão, e iam fazer imitando exatamente aquilo que parecia mais pomposo. Deus, daí Religião, até mesmo na aproximação da titulação é algo muito assemelhada. E aí, adentraram as comédias. Porque sou meio histriônico, eu faço umas graças até sem me sentir. E eu na comédia me sentia muito à vontade. Eu fazia o povo rir. As minhas comédias eram muito frequentadas naquela época. Não, de público era só anunciar uma comédia minha, e o teatro se enchia. Está aí o Artur Eduardo Benevides, que foi meu companheiro, para comprovar como as comédias chamavam pessoas ao teatro.

Entrevista - Mas posteriormente o senhor renegou essas comédias...

Eduardo Campos - Reneguei, porque eram de péssima qualidade. Elas não tinham uma qualidade. Elas faziam rir, porque eu estava com uma influência muito grande do Teatro Português, eu

Com um vozeirão característico, Eduardo Campos faz questão de pronunciar bem cada palavra dita. E reclama do quão errado falam os jovens. "Uma língua esquisita", diz.

lia muitas peças, as peças publicadas pela "Espad" (Escola Superior Portuguesa de Artes Dramáticas), geralmente não eram de autores brasileiros. Geralmente essas peças eram de autores portugueses ou de pessoas situadas no Rio de Janeiro, com uma mania antiquada de teatro. Então, quando eu me conscientizei, quando eu vi, por exemplo, o teatro encenado, o "Vestido de Noiva", do Nelson Rodrigues, encenado e dirigido pelo Ziembinski (Zbrgniew Ziembinski, diretor teatral polonês que viveu no Brasil, já falecido), então eu me redescobri. Eu vi que aquilo que estava fazendo, aquilo era uma intrujice. Se eu tinha o desejo de um dia fazer algo que valesse a opinião, a atenção das pessoas, eu devia procurar escrever dentro de outro tema, que podia ser comédia, mas com outra seriedade.

Entrevista - O senhor sente algum remorso por ter renegado essas comédias que foram uma parte da sua vida, uma parte da sua produção?

Eduardo Campos - Não, eu tenho saudade. Porque se eu hoje as tivesse aqui, eu acharia ótimo. Mas eu não quis. Olha, já cometi vários pecados na minha vida. Escrevi um romance, "Nova Esperança", que eu achava que era um grande romance, depois vi que era uma porqueira, e era mesmo, aí eu rasguei. Então, é bom você rasgar, porque você fica com a tentação de aproveitar. Acho que a coisa que nasce torta, errada, não tem aproveitamento. Ou você se senta, se conscientiza e faz um trabalho bem feito, limpo... Você pode aperfeiçoar o que já está limpo, mas o que está ruim, não presta. Por mais que você faça, você não ajeta. Essa é a lição que eu dou. Então é preferível rasgar, passar a borracha e levar para lá.

Entrevista - Se as comédias não prestavam, por que elas atraíam tanto público?

Eduardo Campos - Porque as pessoas que freqüentavam não tinham uma exigência intelectual muito grande. Eram pessoas que queriam se divertir. Então você para se divertir, qualquer palhaço, qualquer pessoa pode lhe divertir, não é verdade? Agora, para divertir bem a um público maior, que entenda mais, é preciso um Brecht (Bertolt Brecht). É preciso alguém que faça alguma coisa com mais espírito. Eu fazia rir. Eram boas as peças, não vou dizer que eram más, não. Mas boas neste contexto de fazer graça.

E eu acho que o teatro não é só fazer graça. O teatro tem uma mensa-

gem, tem uma mensagem social, tem um recado que precisa ser dado.

Entrevista - Na fase mais madura, o senhor começou a se identificar com um tipo de arte mais dramática, deixou mais a comédia de lado, começou a se sentir identificado com temas mais...

Eduardo Campos - Foi. A sua pergunta é bem procedente. Eu escrevi uma peça muito séria, que eu reputo, talvez a peça mais séria que já se fez aqui no Ceará, que é "O Demônio e a Rosa". É um simbolismo, nós estávamos saindo da guerra, e aquilo foi uma interpretação que eu tive de como a humanidade... Eu estava muito pessimista e "O Demônio e a Rosa", embora esteja calcado neste pessimismo, é um otimismo porque ela acredita na poesia, ela acredita no amor, ela acredita na união das pessoas. Eu acho que "O Demônio e a Rosa" é um texto não só para ser representado, mas é um texto para ser lido também. Deve ter

**“Eram boas minhas
peças, não vou dizer
que eram más, não.
Mas boas nesse contexto
de fazer rir. E eu acho
que o teatro não é só
fazer graça.”**

suas imperfeições porque eu não voltei a reescrever, do jeito que ela foi publicada no primeiro número da Revista Clã, ela continua.

Entrevista - Esse episódio da rejeição às comédias, no meu modo de ver, revela um jovem autor aspirando a um teatro mais sério, mais clássico, em detrimento de uma arte mais popular. Para que o senhor tomasse essa decisão, quais eram as suas influências teóricas no teatro?

Eduardo Campos - Primeiro, eu sempre li muito. Já nesta época eu lia todo o teatro, lia Tchecov (escritor russo Anton Pavlovitch, 1860-1904), eu lia Lope de Vega (Félix Lope de Vega, poeta e dramaturgo espanhol, autor de mais de 2 mil peças de teatro, 1562-1635), lia todos os grandes escritores já naquela época, quando eu tinha 18 e 19 anos. Então nessa época, eu era tão pretensioso, que quando eu fiz o 1º ano no pré-jurídico, no Liceu do Ceará, fiz uma conferência de uma hora falando sobre o Teatro Outubrista, que é o Teatro da Revo-

lução Russa. E eu não sou comunista, nem esquerdista, não.

Mas eu achava que o Teatro Outubrista era um teatro que saía do comum, da rotina, e isso me impressionava vivamente. O Teatro Outubrista me fascinava pela mise-en-scène. As pessoas, às vezes, entravam em cena caminhando como se fossem soldados, subiam o palco. Coisas que nós viemos fazer aqui no Brasil, talvez pelos anos 40, anos 50, e começamos com Ziembinski, essa é que é a verdade. Nós não tínhamos nada parecido nisso no teatro do Brasil. E o Teatro Outubrista já tinha uma proposta, e essa proposta exacerbava todo o meu pensamento, toda a minha maneira de trabalhar.

E eu havia lido muitos autores italianos, inclusive o Antonio Giulio Bragaglia, autor de um livro chamado "Fora de Cena", e ele citava muito um autor muito inovador, Maximo Bonatelli, mais ou menos assim, eu não estou me lembrando bem do nome, não. E ele também era um grande inovador da cena. Esse pessoal fazia um teatro à base de refletores, à base de sombras, de luz, tudo isso era teatro. E nós aqui no Ceará estávamos muito atrasados. Nós estávamos a-tr-a-s-a-d-i-s-i-mos no teatro.

Quem trouxe o Teatro Moderno para o Ceará, isso mesmo, desculpe a minha imodéstia, fui eu, com "O Demônio e a Rosa". Depois dessa minha presença no Ceará, com "O Demônio e a Rosa", foi que a (diretora teatral) Henriette Morineau veio ao Ceará

e trouxe inclusive de Tennessee Williams (escritor americano, 1911-1983), "Um Bonde Chamado Desejo", que é um espetáculo moderníssimo, um espetáculo, não de carpintaria, mas de linguagem, na maneira de colocar os personagens em cena. Só para vocês verem como nós estávamos atrasados.

Entrevista - Eu gostaria que você falasse um pouco sobre a sua chegada ao radioteatro.

Eduardo Campos - Tudo em vias de consequência, tudo em vias de consequências, porque eu já representava. Quando eu entrei na Ceará Rádio Clube, em 1944, no dia quatro de setembro — eu tô com 52 anos já, 52 anos que eu sou profissional —, quando eu cheguei, eram nove horas da manhã, estavam representando a peça "Os Fidalgos da Casa Mourisca". Era um romance antigo, do século passado, um romance português, e me deram logo porque aquilo não precisava ensaiar muito. Eu já vinha com uma certa experiência de teatro, vinha com experiência tanto do Teatro Escola Renato



Eduardo Campos recebeu os alunos numa ensolarada tarde de sexta-feira (dia 09 de agosto), na sede da Ceará Rádio Clube. Vestia calça azul e camisa branca. Mostrava-se solícito e bem-humorado.

A conversa ocorreu numa pequena sala da Rádio. Alguns alunos comentaram uns com os outros que estavam bastante nervosos, principalmente por aquela ter sido a última entrevista da qual participavam na revista.



Quando Eduardo Campos interpretou a primeira peça, ele já tinha uma grande bagagem literária: já lera Shakespeare, Victor Hugo, a Literatura Russa...

Viana, como a experiência do Educandário Santa Maria. E então me deram uma ponta e comecei a representar. Depois, eu caí normalmente e passei a ser galã. Depois é que chegou o João Ramos (*jornalista, ator, radialista e um dos pioneiros da televisão no Ceará, já falecido*) e assumiu o papel de galã. E eu passei ao que se chama a figura de centro, uma figura em pessoa mais respeitada, deixei de ser galã, pra ser, pela minha voz, uma pessoa mais idosa dentro do desenrolar das interpretações.

Entrevista - Quando o senhor chegou ao rádio, no seu primeiro trabalho, como foi que o senhor se sentiu? O senhor sentiu o mesmo fascínio do menino que viu o alto-falante saindo som?

Eduardo Campos - Olhe, eu me senti perplexo. Eu me senti sem acreditar. Mas, na verdade, eu tinha dentro de mim, e é bom que se explique aqui, que o meu pai tinha muita vaidade e queria que eu falasse bem e soubesse ler. O meu pai era um homem de poucas letras, mas se ele tivesse estudado um pouco mais era um grande contador de histórias. Porque o meu pai de poucas letras era capaz de lhes contar uma história agradabilíssima, levando as pessoas a rir, a ficarem entretidas com o que ele estava contando. E não errava o português. Era um português pobre, de poucas palavras, mas ele consertava tudo que tinha. Ele dava conta do recado. E quando eu tinha de oito para nove anos, ele me obrigava a ler o Correio do Ceará. Ora, veja bem o destino. Eu fui diretor do Correio do Ceará por vinte anos. Nessa época eu nem sabia.

Eu era obrigado a ler o Correio do Ceará. E lia em voz alta. E era a página todinha. "Leia aí. Ô, que você tá tropeçando aí. Isso aí tem uma vírgula. Numa vírgula, se faz uma pausa. Leia novamente". E pá, pá, pá, pá, pá. E até contei isso numa crônica e vou contar a vocês, como isso é fundamental para a califasia, para a pessoa dizer as palavras, porque nós da nossa geração moderna, espero que vocês já tenham passado, já estão com um pouco mais de idade, essa geração que está saindo das minhas netas, esse pessoal é uma geração que não sabe falar. Ninguém sabe o que é que está dizendo. As minhas netas falam comigo e eu digo: "Não, repita, fale português, isso aí é caçanje (*dialeto criado do português, falado em Angola; português mal falado ou mal escrito*), eu não sei que língua é essa. fale bonitinho, explicado, do jeito que eu estou falando. Você está me entendendo?" "Estou" "Pois

é, pois fale do mesmo jeito para mim agora, diga o que é que você quer". Porque ninguém se explica mais. E isso é muito importante.

E só há uma maneira de você falar explicado. Só há uma maneira. É você aprender a ler em voz alta. Pronto. Ler explicando tudinho. Porque você enferruja. Isso aqui, se você numemé, mé, aitzubem ve ai ztubenvist. 'Stá incima. É "está em cima", não é 'tá em cima, não. Está em cima, está ali, está acolá. Esta é que a maneira correta de se falar. E eu sempre falei bem. Eu falei bem por quê? Agradeço a meu pai, que me obrigava a ler. Quando o grande locutor César Ladeira, do programa "Meu Ceará", em 1944, coincidentemente com essa minha entrada no rádio... Ele contou, isso ao Paulo Cabral de Araújo (*radialista e jornalista cearense, atualmente presidente da Associação Nacional dos Jornais* -

"Ah, se eles (da Academia Cearense de Letras) escrevessem como eu escrevo! Eu escrevo para o povo, eles não escrevem. São muito elegantes."

ANJ-, radicado em Brasília), que um dos grandes exercícios de leitura era a leitura de um jornal em voz alta. O que meu pai, um pobre homem da Pacatuba, parafraseando Eça de Queiroz (*escritor português, 1845-1900*), já fazia. É ler em voz alta.

Entrevista - Manuelito, o senhor escreveu muitos dramas para o rádio e qualificou esses dramas...

Eduardo Campos - Eurásguei tudinho.

Entrevista - ...como dramas espúrios. Até rasgou-os todos. Mas o senhor mesmo disse que eles agitavam a cidade de Fortaleza e as pessoas gostavam muito, eles atingiam o gosto popular. A pergunta é a seguinte: se esses dramas não fossem dramas espúrios, como o senhor qualificou eles teriam atingido tão em cheio o gosto popular?

Eduardo Campos - (pausa) Olha, isso é discutível. Porque hoje as péssimas novelas da Globo atingem o grande público. Elas atingem um público muito maior do que nós podemos considerar. Eu acho dramas espúrios, dramas que não têm mensagem nenhuma. São dramas, hoje, fabrica-

dos para ganhar dinheiro. Não têm o menor idealismo, não têm a menor mensagem. E são feitos até já com a economia de gestão comercial. Por exemplo, a mulher engana o marido com o irmão do marido, já é por economia. Já porque são poucos personagens, é preciso que aquela coisa fique todo mundo girando... O adultério já é doméstico. Não pode sair.

Hoje eu faço um trabalho, eu reescrevo um trabalho três, quatro, cinco, seis, sete vezes. Eu estou com um trabalho no computador, já fiz este trabalho no computador umas cinco ou seis vezes. E cada vez que eu vou fazer, eu não fico satisfeito, eu acho que está errado. Acho que devia ter uma lei que proibisse o escritor mexer no que ele faz mais do que cinco vezes. Porque às vezes piora. Claro que piora. Você começa... às vezes a coisa tá tão gostosa dita de uma maneira e você vai aperfeiçoar a linguagem, você acaba prejudicando.

Entrevista - O senhor acha que esta sua visão não é um pouco elitista, herdada da Academia Cearense de Letras?

Eduardo Campos - Ah, se eles escrevessem como eu escrevo. Eu escrevo para o povo, eles não escrevem. São muito elegantes. Eu, não, eu escrevo para o povo. Deixa eu dar aqui uma explicação. Às vezes achavam que as minhas peças tinham muito empregado, muito criado. Isso foi dito no espetáculo "O Morro do Ouro", que tem muita gente pobre. E eu expliquei que o (*William*) Shakespeare, também, em todo "Romeu e Julieta", "Otelo", tudo é cheio de empregado. Eu nunca vi, é o autor que tem mais empregado trabalhando para ele do que eu. Eu não tenho tanto empregado, ele tem mais do que eu. E essas coisas realmente fazem parte da vida. Por que ele bota tantos empregados? É porque não existia uma família naquele tempo sem muito empregado. Vivia-se uma época em que as pessoas tinham muitos serviçais. Serviçal para tudo: para pegar o cavalo, para ajudar a pessoa a montar, para abrir a porta, para fechar a porta, para ir buscar uma bacia, para lavar os pés do visitante, tudo isso fazia parte e está dentro da estrutura do drama, não é verdade? E os meus personagens pobres, os meus criados, quando entram, entram por necessidade mesmo. Eles não entram gratuitamente. Eles não entram como aquele personagem que entrava só para dizer graça, não. Eles entram porque fazem parte do esquema da peça. Agora, eu não estou muito satisfeito em lhe dar a resposta, não. A pergunta dela foi sobre o elitismo, não foi?

Opai de Eduardo, Jonas Acióli, morreu pouco depois do seu nascimento. Enquanto seu corpo era velado, um estranho entrou na casa e levou todas as economias da família.

Deixa eu lhe dizer. A cada dia que se passa eu procuro escrever bem. Eu não digo que escreva bem, mas me esforço para escrever bem. E isso é uma ferramenta que eu tenho. O poeta Francisco Carvalho (*cearense, vencedor de um Prêmio Nestlé de Literatura*) acha que a minha maneira de escrever, o meu estilo é barroco. Isto à maneira dele. Porque ele acha que eu ressuscito algumas palavras que as pessoas não gostam de dizer. Outra coisa, eu não gosto da forma gerundial, "ele foi indo, foi levantando, foi fazendo". Eu não uso isso. Eu uso os infinitos, certo? Fica muito mais bonita a palavra. Então, eu talvez seja um elitista, mas um elitista que procura escrever correto. Escrever aquilo que todo mundo deveria escrever. Não é, por exemplo, o sujeito escrever um livro e, de repente, o livro se permitir a determinadas frases de circunstância. "Eu fiz das tripas, corações". A pessoa tem que ter uma maneira de dizer, não é? Aqui me pediram para fazer uma orelha para o livro do Gustavo Barroso, era um romance, e o Gustavo Barroso (*prosa-dor, contista, historiador e folclorista cearense, 1889-1959*) escrevia bem, mas não era romancista. "Mississipi" é um romance que se passa em Fortaleza na década de 10 e na década de 20. E ele lá tem: "Escapuliu como se passasse sebo nas canelas". Isto não é linguagem para um romancista. Pelo amor de Deus, rapaz! Você já imaginou *Dante* (*Aleghieri, autor de A Divina Comédia*) escrevendo um negócio deste? Como é que pode, rapaz? Então, não é negócio de ser elitista. Você tem é que procurar fazer o negócio com elegância. Tudo feito com elegância... Até um gesto, até um cumprimento, até uma resposta, até minha maneira de falar com vocês, quando eu falo com mais humildade, com mais decência, é bonito, fica bonito. Nós temos que procurar resgatar o português. Não o português enfronhado, "estava deitado de decúbito dorsal". Não. A maneira de dizer, mas a maneira limpa de dizer e não essa. Que essa é uma maneira toda de fantasia, toda enfeitada.

Entrevista - Isso é uma forma de negar esta visão que existe de que escrever para o povo é escrever errado?

Eduardo Campos - Não, e o povo entende. O povo não vai às minhas peças, não gosta tanto? Deviam dizer lá: "Não, não vou não porque ele não disse lá, não falou a minha maneira exata", não. Mas o pensamento... Repare bem, não confunda a linguagem, vamos dizer assim, atrasada, a linguagem vulgar, com o pensamento

do personagem. O pensamento do personagem está numa linguagem posta numa negação, num sentido de palavra, que ele não sentenada artificial. Ele aceita. E outra coisa: vá falar para o pobre "vacê aí tá pensando que..." Vai pensar que ele gosta? Gosta não. Ele pensa o quê? Ele pensa que está sendo ridicularizado. Ele quer é que você fale corretamente. Se ele não fala corretamente é porque ele não sabe falar.

Entrevista - Manuelito, você apontou que a sua pretensão a ser um autor sério foi quando você viu o "Vestido de Noiva", de Nelson Rodrigues.

Eduardo Campos - Teatro, aí era teatro.

Entrevista - Teatro. E o Nelson Rodrigues utilizava muito o coloquial, a linguagem coloquial, o palavrão...

Eduardo Campos - Sim, mas eu também boto...

"Cedo eu me conscientizei de uma coisa: o espetáculo de teatro, o verdadeiro espetáculo não é só do autor. É de um tripé: é do autor, do ator e do diretor."

Entrevista - ...essa forma rasteira de linguagem. Não há uma incoerência nisso?

Eduardo Campos - Não, não há. O Nelson Rodrigues escreve muito bem. Isso é o que eu disse. Ele escreve bem, ele diz bem. Ele diz as frases como eu digo também. No "Morro do Ouro", na "Rosa do Lagamar" tem muito disso. Mas está, acredito eu, modéstia à parte, bem dito. Ele não está agredindo. Ele agride as pessoas que não estão acostumadas com o palavrão. Eu acho que hoje, nas nossas casas, nós estamos muito mais deseducados do que nas minhas peças de Teatro. Essa é que é a verdade.

Entrevista - Doutor Eduardo, o senhor escreveu para o teatro, depois ingressou no rádio e escreveu para o radioteatro. Quando a televisão chegou ao Ceará, o senhor já estava à frente da Ceará Rádio Clube. Na estréia da televisão foi encenado um trabalho do senhor. Eu queria que o senhor falasse dessa transposição do seu trabalho para a televisão, que é uma linguagem totalmente nova. O

senhor escreveu para um novo veículo ou adaptou o seu trabalho?

Eduardo Campos - Não, vamos corrigir. Há um equívoco. Os primeiros espetáculos que a televisão apresentou eram trabalhos meus, mas adaptados para a televisão pelo senhor Péricles Leal. Há uma diferença tremenda. Quando eu escrevi "A Morte Prepara o Laço", e as outras peças que estão ali, não foi texto de teatro para a televisão. Foi um script para a televisão, concebido na forma técnica, vamos dizer, com enquadramento, planos horizontais, primeiro plano, plano americano, tudo isso, que eu sempre dominei. Porque eu digo que a minha grande frustração na vida é não ter dirigido uma fita de cinema, um espetáculo cinematográfico. Porque eu sou apaixonado pela *mise-en-scène*, por essa coisa de cinema, pela direção, a câmera seguindo o personagem, tirando partido, o olho do *cameramen*, tudo isso...

Entrevista - O senhor sente falta de ter um trabalho seu no cinema?

Eduardo Campos - Eu sinto. Gostaria de ver um trabalho meu. Eu já vi um trabalho meu não em cinema, mas em televisão eu vi vários. Até contos que não eram para a televisão, como "A Joanhinha Pé Torto", que a TVE colocou. Mas no cinema, eu gostaria.

Entrevista - E o que achou do resultado final?

Eduardo Campos - Muito bom. Eu adoro. Olha, eu adoro coisa representada. Adoro uma missa cantada, adoro toda coisa que tem uma representação, é uma beleza.

Entrevista - Doutor Eduardo, um certo dramaturgo disse que quem escrevia era quem mais sofria porque quando ele prepara um trabalho e entrega para uma pessoa montar um espetáculo, uma peça, quando o trabalho fica melhor que o texto, ele sente inveja, e quando o sujeito destrói o trabalho, fica um trabalho de má qualidade, o sujeito fica zangado, fica com raiva. O senhor, ao longo da sua trajetória como autor, se sentiu com mais inveja ou com mais raiva?

Eduardo Campos - No meu caso é um pouco diferente. Cada um tem a sua maneira de pensar. Eu como fui muito aprendido em matéria de teatro, li muito, e li muito sobre direção de teatro, li todos os grandes diretores de teatro, um por um, eu li toda técnica de como é que podia fazer teatro, e cedo eu me conscientizei de uma coisa: espetáculo de teatro, o verdadeiro espetáculo de teatro, não é só do autor. É de um tripé: é do autor, é do ator e



A entrevista começou com Eduardo Campos falando sobre a sua atuação como ator. A sua primeira experiência foi no Educandário Santa Maria, em 1939.

Eduardo Campos costuma dizer que entra num palco com muita tranquilidade. "Eu nunca tive vergonha de chegar num palco. É como se eu estivesse em casa".



Eduardo nasceu em Guaiuba, distrito de Pacatuba, em 1923. Anos depois, Guaiuba emancipara-se, tornando-se sede de município. Mas ele se autointitula, até hoje, cidadão de Pacatuba.

do diretor. Então isso me deu humildade bastante para, por exemplo, aceitar todas as modificações que queriam fazer nas minhas peças. Eu nunca disse não, nunca vetei nada. É para alterar, altere. É sua responsabilidade. Se piorar, é sua responsabilidade.

Eu estou dando o texto. "Posso alterar?", "Pode alterar". "Eu corto aqui?", "Pode cortar". Eu sempre dei carta branca, pode perguntar a todos os meus encenadores, o nosso Haroldo Serra (*ator e diretor teatral cearense*), o Marcelo Costa (*diretor e crítico teatral cearense*). Eu não fui ver nem o ensaio geral d'A Donzela Desprezada. Eu confio plenamente. Eu acho que depois que você escreve o espetáculo, ele é seu, se for só publicar, aí é meu, eu dou um jeito. Mas é para montar, ele é que vai montar, ele é que vai fazer a *metteur en scène*, ele que vai botar o espetáculo, montar o espetáculo em cima de um palco, a responsabilidade é dele. Ele é que sabe ligar a minha linguagem à linguagem do telespectador, passando pela linguagem do ator.

Entrevista - O Hidelberto Torres, que adaptou um dos seus trabalhos para trabalhos da televisão...

Eduardo Campos - E o fez muito bem.

Entrevista - ...ele lhe atribui a introdução do regionalismo na televisão brasileira, muitos anos antes até do que Dias Gomes (dramaturgo e novelista). Como o senhor vê isso, o senhor confirma este pioneirismo? E eu queria que o senhor falasse um pouco da questão da cultura regional na televisão.

Eduardo Campos - Olha, esse negócio de regionalismo, nós falamos de uma coisa que me dói muito. Eu sou de uma geração de escritores no Ceará, a geração do grupo Clã, que enfatizava a luta contra o regionalismo. Eles não queriam aceitar o regionalismo. Inventaram uma coisa, o regionalismo pelo universal. E dentro desta temática, eles achavam que eu me perdia muito em fazer o meu localismo, correto? Bom, isso o Braga Montenegro (*crítico literário*) me acusava muito, o Stênio Lopes, que foi um bom crítico depois do Braga Montenegro e que hoje está em Campina Grande, na Paraíba, todo esse pessoal achava que eu era regionalista.

Essa coisa criou, não é bem um mal estar, criou uma situação desagradável de tal maneira que, quando nós fomos publicar o Manifesto (*do Grupo Clã*), que eu li de costas — eu li de costas a propósito. Eu li de costas porque eu já tinha aprendido que o ator representando, ele podia ficar em qualquer

posição. E esse negócio começou praticamente conosco no Ceará, porque ninguém representava de costas para o público, não. É! Até os anos 40 e pouco, não, você tinha que representar olhando. Negócio de ficar de costas falando com os personagens, não tinha esse negócio não. Isso era feio, isso era anti-teatral. E eu então, quando fui ler, estava muito penetrado das leituras estrangeiras, aí li quase de costas para o público e me anarquismaram pelos jornais... Mas nesse manifesto, voltando ao nosso ponto de partida, e se eu não falasse o bom português diria, voltando à vaca fria, aí seria horrível (*risos*). Tá vendo como são as coisas? Gostou? (*ri*) Então eles fizeram, é porque eu nunca mais vi isso publicado... Tem uma passagem lá, um item lá do Manifesto contra o regionalismo. Não aceitavam, achavam o regionalismo... Regionalismo?

O que é o mundo, hoje, nessa

“Eu sou de uma geração de escritores do Ceará (...) que enfatizava a luta contra o regionalismo. (...) Eles achavam que eu me perdia muito fazendo meu localismo.”

proposta de aldeia global, senão a união de tudo, rapaz? Então, a África não vale pelo que a África é? Então, os árabes não valem pela região deles? Por que é que não valem? Então, nós não valemos pela nossa? A Espanha não vale pelas coisas agradabilíssimas que tem, pela terra deles? Então, você precisa fazer dramas que, embora regionais, tenham uma inspiração, um sentido, uma temática que extravase, que leve, que perdoe a localização para transformá-lo em algo universal. Bom, mas isso não é todo mundo que faz, não. Não é o Eduardo Campos que vai fazer isso a três por dois, não. Eu posso em determinado momento fazer.

Eu vou dar um exemplo. Não há nada mais regional que “Os Deserdados”. O que é “Os Deserdados”? Um drama de seca, um drama tipicamente do Nordeste, ora. Mas isso não é um drama universal, não, pelo amor de Deus? Tanto é universal que esta peça traduzida para o espanhol é uma das coisas mais bonitas que eu já vi na minha vida. O texto até parece assim uma coisa do Garcia Lorca (*risos*). Traduzido, bem traduzido. Pois este original foi para a Espanha e lá conseguiu sensibilizar os jurados (*a peça*

“Os Deserdados” obteve o 3º lugar no Concurso de Melhor Espetáculo Dramático Internacional de Televisão, em 67). Ele pode passar na Cochichina, ele pode se passar na Ásia, ele pode se passar lá nas estepes, na União Soviética, na caatinga, seja onde for, na Alemanha, em qualquer lugar do mundo, a pobreza é universal. Desde que ela tenha um tratamento artístico, um tratamento cultural, um tratamento literário bonito.

Entrevista - O senhor acabou de falar da pobreza. Alguns anos depois, o senhor faria a trilogia.

Eduardo Campos - Sim, dos dramas urbanos.

Entrevista - Alguns anos antes, ainda no Teatro Escola do Ceará...

Eduardo Campos - Ah, foi horrível...

Entrevista - ...o senhor teria feito uma possível trilogia burguesa...

Eduardo Campos - Era burguesa, uma trilogia de assuntos burgueses.

Entrevista - Eu queria que o senhor comentasse um pouco sobre essa passagem da trilogia dos dramas burgueses para estes dramas urbanos.

Eduardo Campos - Você vê que o autor às vezes tem que se adaptar. A dona Nadir Papi Sabóia (*diretora do Teatro Escola do Ceará*), era uma burguesa. Muito mais burguesa do que eu. Eu tenho até só uns furos de burguesia. E ela não, era uma burguesia assumida. Ela era casada com o filho de um ex-presidente do Estado do Ceará, ela tinha todo o staff realmente de ressonâncias sociais muito elevadas. Eu era filho de um comerciante. Na frente dela, eu não era nada. Então, dentro desse julgamento social de classe, ela queria peças para montar. E eu fiz uma peça para ela. Eu não podia fazer uma peça pra ela porque eu já tinha pronto “Os Deserdados” e ela não quis. Porque, como é que ela ia manter “Os Deserdados”? Ela não podia montar.

O que aquela mulher queria fazer era ambientes simples, ambientes nobres, era sala de estar. Então essa peça eu montei no Teatro Escola, mas eu é que dirigi esta peça. Já ela não, ela não quis dirigir. Ela queria uma peça que ela pudesse aparecer como personagens. E ela não podia aparecer como pobre. Ela tinha que aparecer como rica. Então os personagens todos são ricos. São pessoas de um certo status social. Isso depois não entrou mais na minha cabeça. Aí eu desisti.

Agora tem uma peça que ela montou e que foge um pouco, você tem aí a minha relação (*vira-se para o*

“Os filhos de Pacatuba: o Artur, o Girão, o Amora, o Manueíto, não me chamem, não me provoquem que morrer lá eu não vou. Mesmo que Pacatuba morra por mim (Mesmo assim)”. Poema de Pacatuba, de José Alades Pinto.

entrevistador, perguntando pela lista de peças), porque eu não sei... Enquanto eu vou falando você procura aí os espetáculos do tempo do Teatro Escola. Achei. “Nós, as Testemunhas”. É um espetáculo interessantíssimo. Por quê? Porque aí eu uso, mais uma vez, a minha inventiva. Eu não fui o primeiro a fazer isso, não. Várias peças de teatro, já desta época, e posteriormente, fizeram isso: colocar o personagem falando como se estivesse na platéia, como se fosse um telespectador ou como se fosse um espectador, um audiente, na participação da peça. Mas essa peça é ótima, no meu modo de entender, porque ela tem um diálogo, ela cria uma empatia com a platéia que é agradabilíssima e é cheia de surpresas.

Tem um crime, o cidadão entra, acusa o personagem, que ele matou. Eu acho interessantíssimo. Talvez nisso aí eu tenha reassumido um pouco a minha tendência para o romance policial de tanto ler Agatha Christie (escritora inglesa, 1890-1976) e o Conan Doyle (escritor inglês, 1859-1930), no Sherlock Holmes, que eu li tudo. Eu conheço todos os livros da Agatha Christie, para você ver como eu não vejo só esta literatura muito erudita, não. E eu aconselhava vocês a lerem romance policial porque o romance policial nos ajuda a exercitar a mente, a maneira de fazer a palavra e de fugir aos equívocos da própria urdidura do enredo.

Entrevista - A trilogia urbana tem um forte conteúdo social. “A Rosa do Lagamar” estreou em 5/11/64. O senhor teve algum problema com a censura?

Eduardo Campos - Não, tive não. Nunca tive, não. Para falar a verdade, uma vez o Palácio do Governo, era no tempo do Adauto Bezerra (governador do Ceará entre 1975-1978), convidou a Comédia Cearense para encenar, no próprio Palácio, “A Rosa do Lagamar”. E queriam brindar com isso as autoridades. E o nosso, deviam estar corretos na maneira deles de pensarem, e o nosso Poder Judiciário se negou a comparecer alegando que a peça era ofensiva ao Poder Judiciário. Só porque lá tem uma passagem que diz assim, não sei se vocês se lembram e eu também não guardo exatamente, quando a Rosa espiçada pelo pessoal da polícia e tudo, ela diz assim, “e o delegado não vem?” Por que o juiz também não vem?”. Não é isso? É mais ou menos assim. Ora, mais. Isso não tem nada de mal. Porque eu até achava que o juiz vez por outra devia fazer um patrulhamento, fazer uma visita. O delegado não faz? O presidente da

República não vai? Por que é que um desembargador não pode ir, não é verdade?

Entrevista - O senhor afirmou aqui, no começo da entrevista, que o teatro não é só divertimento, tem uma mensagem. E essa sua preferência por esses temas sociais é nesse intuito de passar uma mensagem?

Eduardo Campos - Não, não é de passar essa mensagem, não. Quem sou eu para ter uma grande mensagem, uma coisa que amanhã me immortalize. Quando eu escrevo é porque eu só sei escrever sobre gente pobre. Eu fui escrever essas coisas de gente rica, achei horrível. Eu sempre convivi com pobre e gosto de escrever sobre pobre. Se tem aqui um tema para escrever, “olha tem um negócio aqui para escrever sobre um palácio, fale sobre um palácio”, já tô fora. Então quando eu escrevo, escrevo pessoas dos meus sentimentos, pessoas que eu frequen-

“(...) Eu só sei escrever sobre gente pobre. Fui escrever essas coisas de gente rica, achei horrível. Eu sempre convivi com pobre e gosto de escrever sobre pobre.”

tei, pessoas que eu assisti, que eu acompanhei, que vi, com quem eu convivia ao longo da minha vida. Então, eu os coloco dentro de uma cercadura talvez até de carinho. Eu gosto dos pobres. Eu acho que é uma maneira de eu me transmitir aos outros por intermédio desses tipos populares que não têm a oportunidade de subir a um palco. Então, quando eu coloco a periferia urbana, eu estou dando uma vez para encenar a vida de cada um, vamos supor assim, ou talvez eu esteja até exagerando, querendo que os meus dramas representem os dramas realmente do subúrbio. Mas eles quase que representam.

Entrevista - Entre os temas mais polêmicos de o senhor tratar nas suas peças, tratou a questão da prostituição, de uma mulher que seduziu um homem, o que de certa forma para os valores da sociedade da época chocava um pouco. O senhor chegou a sentir isso, que chocava?

Eduardo Campos - Não, não. Imagine que as pessoas que falavam mais entusiasmadamente a respeito do “Morro do Ouro” eram frades, pesso-

as religiosas. Às vezes se irritavam um pouco com aquela cena primeira da peça, isso cena passada porque hoje não se usa mais. As prostitutas naquele tempo tinham permanganato de potássio. É um recipiente, é um químico que dava como um tornassol, dava uma reação vermelha. E elas faziam uma lavagem, e tinham aquela bacia. E na minha peça, eu coloco isso muito bem logo no começo, e as pessoas achavam às vezes imoral. Não era imoralidade em si. Era uma coisa que existia. Porque nós criamos certas restrições, uma ética, nós temos um policiamento que às vezes não queremos ver. Achamos que às vezes a mulher está enganando o sujeito, mas não queremos ver. Aceita saber, mas não aceita ver. E vendo, e ela ali estava vendo o móvel do crime que era o quê? Era a bacia. Mas fora disso, não tinha nada.

Entrevista - Doutor Eduardo, desde a fase do Teatro Escola até a trilogia urbana, nós encontramos no seu trabalho uma presença muito forte da mulher, as mulheres são atuantes, inclusive uma de suas peças chama “Mulher Vencedora”. Na trilogia urbana há um conflito entre mãe e filha. E de certa forma o senhor levantou temas que antecederam até o feminismo. Como é que o senhor vê esta questão da mulher na sua obra?

Eduardo Campos - Não, eu não sei não, rapaz. Isso aí é para quem for... Vocês mesmos é quem vão destrinchar essa situação. Eu não sei. Eu sei que o matriarcado é muito importante na minha vida. Muito importante. Talvez por algumas razões. Primeiro, eu fui dado aos quatro meses. Tomado praticamente da minha mãe legítima por uma tia que queria me criar. Então esse envolvimento é muito grande.

Eu tive três mães. Tive a mãe que me teve, a mãe que me criou e a outra mãe que era a minha babá, foi empregada, que me criou, e que ficou lá em casa por 50 anos. E tudo isso deve ter uma influência muito grande. Eu não vou dizer. Eu não sei onde é que o Freud (Sigmund Freud, psiquiatra austríaco) entra, onde eu entro, mas que a influência matriarcal é muito importante, é. Tanto que os meus personagens principais todos são mulheres. Eu não tenho personagem masculino, não. Os grandes personagens, a Amélia, no Morro do Ouro, a Madalena, no Elvira, na minha temática, nos contos, etc. tem sempre uma mulher. Essa mulher tem um privilegiamento, eu não sei. Não sei se é porque eu vivi mais com a minha mãe, eu não sei.



Diante da situação financeira da família, Eduardo acabou sendo criado por sua tia Isabel e pelo tio João Campos. Por conta da nova família, Eduardo teve que se mudar para Fortaleza.

Uma das imagens que mais marcaram Eduardo Campos são os fundos de quintais (especialmente os da Parangaba), que ele via quando viajava de trem entre Pacatuba e Fortaleza.



Eduardo Campos se ressentia dos intelectuais cearenses por não lerem teatro e não pensarem uma crítica de consistência. Uma das poucas exceções é a do crítico Marcelo Costa.

Entrevista - *Essas suas obras, o senhor retratava fatos concretos ou de repente eram só criações?*

Eduardo Campos - Não, eu nunca fiz isso. Ah, meu Deus do céu, se eu fosse aproveitar a realidade que está bem próxima da minha casa, dos meus parentes, Ave Maria, eu não parava de escrever. Mas isso é um perigo muito grande, porque os parentes acabam se vendo dentro das histórias, aí você acaba imaginando que aquilo não é realidade. Eu, para falar a verdade, algumas vezes meti alguns personagens que me sensibilizavam dentro das minhas histórias. Eu vou lhe contar uma: eu tinha um compadre, o Joaquim Alves da Rocha, um homem muito puritano, e eu o coloquei como dono de uma pensão do interior no meu romance publicado pela Editora O Cruzeiro, "O Chão dos Moços". Então ele está lá. Mas por outra postura.

Mas eu me lembrei dele, achei que ele tinha todas as características de um... Ele era um ingênuo. Uma vez uma cartomante se mudou para perto de onde nós morávamos na rua do Imperador, e a mulher dizia: "Ah, seu Joaquim, olha aqui. Caiu um alqueire aqui no meu olho! Venha cá". E ele foi e olhou e não viu nada. E a mulher queria se agarrar com ele, né? Aí foi contar pro meu pai, meu pai já era um homem mais escolado. "Seu Rocha, não vá mais não, essa mulher quer é lhe agarrar, essa mulher está é lhe conquistando. Ela não tem nada no olho, não tem cisco nenhum no olho. Ela só queria que o senhor fosse pra casa dela, então não vá mais". Ele é um homem ótimo pra entrar em qualquer história, até nessa, que eu tô contando aqui pra vocês, porque realmente é um anedótico agradável. Ele fazia isso com muita pureza, não tinha maldade nenhuma.

Entrevista - *O senhor tava falando de transpor as pessoas da vida real para as suas histórias. Na "Donzela Desprezada" tem um personagem, o repórter Benedito, que faz de tudo para obter uma história sensacionalista pra vender jornal, sem a menor preocupação com a verdade. E ele também não tem o menor respeito com as fontes dele. No caso, ele induz a menina, a Amelinha, a contar uma história que realmente não aconteceu e a falar de uma sedução que não aconteceu. Só pra ter uma história mais interessante. Nesse repórter, o Benedito, havia uma crítica, uma denúncia, ou o repórter Benedito só existia na ficção?*

Eduardo Campos - Não. (Pausa) Há uma denúncia. Talvez... Nunca ninguém me perguntou, eu estou sendo indagado pela primeira vez. O jorna-

lista, de uma maneira geral, precisa ter muito cuidado para não explorar a fraqueza humana. Ele precisa sempre se sentir na pele, no corpo e nos sentimentos da pessoa que está sendo entrevistada. Eu fui jornalista também, fui repórter, escrevi talvez umas duzentas reportagens para o Correio do Ceará. Antes de eu ser diretor do Correio do Ceará, eu era repórter. Eu procurei sempre fazer um jornalismo com dignidade. Acho que o jornalista, o repórter, seja ele quem for, tem uma missão muito importante. Ele deve informar as pessoas não sob a ótica da sua paixão, nem sob a ótica da sua crítica. Ele deve reproduzir, refletir o que as pessoas que estão sendo entrevistadas dizem ou querem dizer. Não é forçar as pessoas a venderem uma realidade. Nós não podemos torcer a verdade. Por mais desatenção que ele tenha, eu tenho que lhe respeitar, e você é uma criatura humana. Então isso é que eu respeito no profissional que deve ter uma conduta.

Entrevista - *Você se sente reconhecido como escritor, dramaturgo... O se-*

"O jornalista precisa ter muito cuidado para não explorar a fraqueza humana. Ele precisa sempre se sentir na pele, no corpo e nos sentimentos da pessoa entrevistada."

nhor já recebeu várias homenagens, mas o senhor se sente reconhecido aqui no Ceará?

Eduardo Campos - Bom, até certo ponto eu me sinto. Mas sinto também que no Ceará as pessoas têm uma tendência a querer prejudicar os outros. Primeiro, nem me conhecem direito muitas vezes e acham que eu sou tolo, vou usar uma linguagem vulgar, besta, aquilo é um besta. Não me conhece, nunca me procurou, nunca me pediu nada. Quer dizer, nós temos uma maneira errada de julgar os outros, sem conhecimento, sem participar da intimidade da vida da pessoa. Eu posso olhar para um cidadão e até não simpatizar com ele. Aí é outra coisa. Mas falar mal dele, achar que ele é ruim e me tomar de desamor, sem apurar os fatos, sem saber, é uma coisa tremenda. Eu tenho um cidadão aqui, inteligentíssimo, mas ele diz: "Não, eu não quero saber do Eduardo Campos, eu não gosto dele". Mas eu nunca fiz

mal a ele, ele não gosta de mim, e aí me prejudica. Me prejudica como? Ele está num setor que faz publicações oficiais e me prejudica porque não gosta de mim. E eu fiz alguma coisa a ele? E estaria em jogo, mesmo que eu tivesse feito? Ou está em jogo o meu talento, se é possível que eu tenha esse talento, não é verdade? Porque você pode ser meu inimigo, não interessa. Se você tem talento, se você tem, deve ter uma oportunidade. Essa oportunidade deve ser dada a você. Essa questão de baixeza humana, de baixaria, como se fala aí na periferia urbana, isso não deve existir entre pessoas competentes. Eu não vou dizer que eu sou o mais perfeito.

Entrevista - *Que análise o senhor faz da crítica feita ao seu trabalho?*

Eduardo Campos - Eu acho justa. Eu acho. Eu acho. Eu acho que aqui no Ceará nós temos uma geração de críticos que precisava se aprofundar mais. Eu sei que isso é algo muito importante porque não há espaço, não é verdade? Não há espaço. O sujeito vai fazer uma crítica num jornal, ele tem o quê?

Ele escreve duas laudas. Ele não pode fazer crítica, não é verdade? Ele não expõe o ponto de vista dele. Crítica é crítica.

Eu fico muito satisfeito quando um cidadão dissecar todos os meus erros, todas as minhas falhas, faz a minha anatomia, me acaba, tudo, tira um rejeito pra cá, um nervo pra acolá. Eu acho ótimo. Porque ele me dá uma orientação. Mas só dizer que não gosta de mim, que não gosta do que eu fiz. Isso é muito fácil. Eu posso dizer: "Não, não gostei da entrevista de vocês". Mas o que houve de errado? Eu preciso explicar o que houve de errado. Então nós perdemos um grande crítico no Ceará, que foi o Braga Montenegro. O Braga Montenegro tinha profundidade. O Braga Montenegro fazia uma crítica que ia meio além. E outra coisa: a crítica do Ceará não critica o teatro. Não tem. Teatro, teatro não vale nada. Até eu disse pra ele, me lamentando profundamente, isso é uma tristeza pra mim. Eu faço teatro e não tenho aqui a menor ressonância.

Entrevista - *O senhor foi um autocrítico muito forte. Quando não gostava das próprias obras, rasgava. Hoje, no entanto, o senhor sente saudades das obras que rasgou, não é? Tem coisas que só o tempo vai nos mostrando, que só a gente pode enxergar o que fez. Hoje, olhando para as obras que o senhor rasgou, que o senhor gostaria de ser lembrado por elas, qual a crítica*

A Donzela Desprezada, a terceira peça da Trilogia dos Dramas Urbanas, foi realmente desprezada. Passou 30 anos na gaveta até que foi resgatada pelo crítico e diretor teatral Marcelo Costa.

que o senhor faria às obras que sobraram?

Eduardo Campos - As obras que eu rasguei?

Entrevista - As que o senhor não rasgou.

Eduardo Campos - (Fica em silêncio).

Entrevista - Tem vontade de reescrever, como o senhor disse?

Eduardo Campos - Não, eu parto do seguinte princípio: eu não reescrevo nada. Eu posso é melhorar, dar uma leitura, na gestação, mas depois de pronta, eu não altero mais nada. Porque fica horrível. Eu estou falando desse trabalho que estou fazendo, eu tenho um livro de contos "A Borboleta Acorrentada", no qual eu venho trabalhando há mais de um ano. Neste livro, eu estou procurando fazer um bom livro, porque já estou na idade de fazer alguma coisa boa, não é verdade? Tem o Moreira Campos (contista cearense, José Mário Moreira Campos, falecido em 1994), excepcional e tal, e eu, pôxa, tenho que fazer, né? Embora eu me sinto mais um homem de teatro. Mas nem por isso eu escondo que eu tenho uma inventiva boa, eu tenha uma tendência, um vazo para a ficção.

Entrevista - Ainda na ficção, como foi sua participação no grupo Clã?

Eduardo Campos - No grupo Clã, nós nos aproximamos, eu e o Artur Eduardo Benevides, nós chegamos ao grupo Clã juntos. O Artur Eduardo Benevides é o atual presidente da Academia Cearense de Letras, foi professor da UFC, e nós chegamos juntos porque nós trabalhamos no Theatro José de Alencar. O Artur Eduardo fazia versos mas não havia publicado nenhum livro ainda. Fazia peça de teatro também. O negócio dele era parecido com religião, botar religião na peça dele e dá tudo a mesma coisa. É o mesmo pensamento.

E aí nós fomos lá. E eles gostaram da nossa presença. Acharam que nós tínhamos condições de participar. Tínhamos uma mensagem para fazer. Eu já tinha um livro de contos, que era o "Águas Mortas". E eu já tava trabalhando em outras coisas. E o Benevides já tinha o primeiro livro de poesia dele, que já tava preparado. E nós tivemos um protetor muito grande, o Antônio Girão Barroso (poeta cearense, já falecido), que era jornalista, já me conhecia, e, vamos dizer assim, intermediou nossa entrada para esse grupo que formaria o grupo Clã. Nós entramos num tempo só, eu e o Benevides. Desse grupo faziam parte nessa época

faziam parte o Otacílio Colares, o Aloisio Medeiros, o Mozart Soriano Aderaldo, o João Climaco Bezerra, o Fran Martins (escritores cearenses), o Artur Eduardo Benevides, que eu já disse, e outros. Eu sou péssimo de memória. Bom, que mais?

Entrevista - Esse grupo Clã era uma forma de atuação política?

Eduardo Campos - Não, pelo contrário. Tinha de tudo no grupo Clã. Tinha fascista, tinha comunista, tinha religioso ao extremo, tinha outros que não eram nada disso. E todo mundo tinha liberdade. E graças a essa liberdade de pronunciamento é que nós nos unimos a vida toda. O Aloisio Medeiros era um poeta comunista, esquerdista, panfletário, fazia panfletagem, riscava muro, pixava muro. Não sei se foi preso, mas pixava muro. Ele vestia tanto a camisa que os filhos todos tinham nomes de grandes poetas russos.

Entrevista - Então havia uma certa irreverência naquele grupo?

"A Padaria Espiritual não chega aos pés da contribuição cultural do Grupo Clã. (...) Porque tem obras de todos os níveis, tem obras fracas mas tem uma maioria formidável."

Eduardo Campos - Não, não era irreverência. Era até bom. Era a coisa melhor do mundo. Por exemplo, nós estamos aqui reunidos, você pode ter suas idéias, eu posso ter as minhas, mas nós podemos conviver em paz, né? Você tem suas idéias e não vai me convencer. Eu também vou ter a delicadeza de não querer que você me convença. Mas você pode externar suas idéias à vontade. Não tem problema nenhum. Acho que foi isso que deu a garantia de sobrevivência ao grupo. Porque nunca brigávamos internamente. Todo mundo participava. Todo mundo fazia. E cada um fazia à sua maneira. Claro que quando o Aloisio fazia os versos dele, os versos dele eram vermelhos que só o barco que meu pai trabalhou lá na peça, o barco de "Os Dois Sargentos". E eram publicados. E não tinha problema nenhum. Qual era o problema?

Como também, de outra maneira, o Mozart Soriano Aderaldo era "maritainista" (seguidor do escritor francês Jacques Maritain, 1882-

1979), era um homem de uma feliz ação religiosa, e aceitar o comunismo? De maneira nenhuma! E talvez até fosse mais direitista, mas era ele. Ele não ia nos convencer, não ia nos obrigar a pensar da maneira dele. E ali não era isso. Não era uma irmandade religiosa, que todo mundo tinha que pensar pelo mesmo juízo. Cada um tinha sua maneira de pensar. E daí, eu lia todos. Li todos os autores russos, eu me inspirava na literatura russa, na dramaturgia russa. E não sou comunista, nunca fui, mas eu gostava, achava que eles sabiam fazer. E o importante é isso. Você tem que buscar seja onde for. O cidadão sabendo fazer, você tem que procurar.

Entrevista - Pelos nomes que faziam parte do grupo Clã, alguns deles o senhor citou, a gente percebe que tiveram muita importância para a literatura cearense, haja vista até a participação desses nomes em diversas antologias. Como o senhor avalia a importância do grupo Clã para a literatura cearense?

Eduardo Campos - Eu lhes digo sinceramente, e eu não sou suspeito, não. Mesmo que eu fosse suspeito, eu diria da mesma maneira. A contribuição do grupo Clã para a literatura cearense não pode ser analisada ainda hoje, porque nós ainda estamos vivos, ainda tem uns quatro ou cinco vivos. Mas é uma contribuição enorme. São quase 200 obras feitas! Tem teatro, tem poesia, tem tudo que você vai descobrir. Tem ensaio, tem história, o grupo Clã fez tudo. O grupo Clã, eu não quero diminuir a Padaria Espiritual (Movimento literário ocorrido em Fortaleza no final do século passado), mas a Padaria Espiritual não chega aos pés do trabalho, da contribuição cultural do grupo Clã. Eu digo contribuição cultural. Porque tem obra de todos os níveis. Tem obras fracas, naturalmente, mas tem uma maioria formidável. A poesia de um Artur Eduardo Benevides, os sonetos do Otacílio Colares, tenha paciência! São lindos! Pode-se imaginar o romance do próprio Euclides Bezerra. A crítica literária do Braga Montenegro. Ave Maria! O Braga Montenegro foi um crítico excepcional.

Entrevista - Doutor Eduardo, o senhor foi presidente da Academia Cearense de Letras...

Eduardo Campos - Durante dez anos.

Entrevista - Certo. Como se deu a sua atuação dentro da Academia? Qual a avaliação que o senhor faz?

Eduardo Campos - Eu achei muito



Eduardo Campos vem de uma família de tradição nas artes e cultura. E, durante a entrevista, citou bastante o seu primo Artur Eduardo Benevides, presidente da Academia Cearense de Letras.

Bem na entrada da Ceará Rádio Clube há uma foto e um retrato de Assis Chateaubriand, numa certa reverência ao fundador dos Diários Associados.



A entrada de Eduardo no jornalismo impresso se deu com uma reportagem sobre os trens urbanos. Segundo o próprio Eduardo, é uma reportagem sobre gente, sobre cotidiano.

boa, porque eu dei uma orientação mais consentânea com os tempos modernos. A Academia tinha uma cadência muito antiga. Essa cadência é muito difícil de tirar. Ainda hoje ela tem essa cadência. Assim muito para o romantismo e tal, as pessoas vêm a qualidade de acadêmico como se fosse ainda uma característica do romantismo, não é verdade? E outra coisa, as pessoas, quando entram na Academia, infelizmente elas pensam que chegaram a um lugar que estão no coroamento de sua vida literária. Isto não vale nada. Por isso é que há uma deficiência muito grande dos meus colegas, dos meus companheiros. Passam a ler pouco, passam a se interessar pouco pela literatura.

Eu não digo todos. Nós temos na Academia mais ou menos uns doze nomes atuais que são bons. Mas o restante, muito acomodado. Eu não acredito em pessoas que não lêem. Eu digo isso porque eu leio quatro livros por semana. Eu leio quase todas as horas que eu posso. Estou sempre lendo. E fico doente quando não tenho o que ler. Eu leio dezesseis livros por mês tranquilamente. Estou sempre lendo e acho que leio pouco. Porque o Brasil publicou no ano passado 40 mil títulos, sendo de literatura, 18 mil. Eu não leio nada. E os outros que só lêem um livro por semana ou um livro por mês? O que é que está lendo? Não está lendo nada. O que ele pode discutir? Em que ele pode estar atualizado? Não pode estar. Tá pra trás. Tá ficando pra trás e não sabe. E o pior. Eu não posso só ler literatura de ficção. Eu tenho que ler tudo. Tenho que ler agricultura, ler finanças. Já imaginou um intelectual sem entender de finanças, meu amigo? Sem entender do Delfim Neto, desse pessoal que está aí. Tá bom, tem que entender. Tem que entender todas as correntes modernas de finanças, de economia, de tudo.

Então, tem que ser uma pessoa que pegue de um tudo. Que goste de computador. Como se pode escrever daqui pra frente sem computador? Não pode. Ele tem que entender de computador. Ele tem que entrar na Internet, viajar, tem que ser por aí. Ficar esperando o quê em casa?

Entrevista - Eu queria que o senhor falasse um pouco sobre a sua obra que não é o teatro, a literatura em si e as pesquisas sobre cultura popular.

Eduardo Campos - Olha, eu fui folclorista, porque eu achei que deveria ser folclorista e publiquei um livro chamado "Medicina Popular". Depois ele virou, na segunda edição, "Medicina Popular do Nordeste" e na

terceira edição, "Medicina Popular do Nordeste. Está tudo imbricado. Porque, o que é folclore? Folclore é povo, é ciência. E o que eu faço, a minha historiografia é a base do povo, do cotidiano. Nós precisamos deixar de escrever, "não sei o que, mil oitocentos e tanto, a princesa não sei o que, o sujeito embarcou pra cá, tava fazendo chuva, choveu, não sei o que, foi hóspede de não sei quem, escreveu uma carta de doze linhas, e botou no correio". Não tem nada disso. Eu quero saber é o que se fazia nessa época. Se ele tinha amante, com quem ele namorava, o que é que ele fazia de errado, eu quero é o cotidiano, eu quero é a intimidade do personagem. Por isso é que a minha história é completamente diferente da história doutoral, professoral, a minha história é do dia-a-dia. Eu gosto disso.

É das irmandades religiosas, como

"Nós não podemos ser modernos sem ser antigos. O Modernismo é consequência do que é antigo. (...) Então nós temos que resgatar o passado. Permanentemente."

era o padre enganando as irmãs, cobrando cota para fazer festa. Eu quero é isso, porque isso é a vida. Não é só aquele outro lado, não. Então quando eu vou para o interior, a legislação urbana, o que eu quero da legislação urbana? As proibições de criar bode, de criar cabra. Coisas interessantíssimas que eu acabo indo ver e tudo isso não nos pertence. Pertence à Idade Média. Tudo isso está nos livros que vieram da Idade Média, da influência da legislação da Idade Média. Então isso tudo é importante. Algumas pessoas acham que não é. Amanhã, se eu não fizer isso, alguém vai fazer, tem que fazer. São os caminhos para nós nos entendermos. Para nós compreendermos o povo do Ceará, não basta só compreender essa história que está aí, essa história, vamos dizer, cadenciada, essa história de Phd. Tudo isso é importante, tá certo, mas também a outra, a minha que eu faço, é importantíssima.

Entrevista - O senhor falou que folclore é povo, mas ao mesmo tempo citou a questão da história da tradição do folclore. E há um dado interessante seu, porque o senhor foi um dos pioneiros da televisão aqui do Ceará, o

senhor foi um modernista no teatro, o senhor trouxe... Como é que o senhor consegue conciliar essas duas facetas? Da modernidade de um lado e do folclore?

Eduardo Campos - Espera aí, mas nós não podemos ser modernos sem ser antigos. O modernismo é uma consequência do que é antigo. Nós somos hoje o que fomos antigamente. Então nós temos que resgatar o passado. Permanentemente. Não há país nenhum que vá à frente, que se adiante, sem esse respeito ao passado. Isso é fundamental. Então, quando eu estudo o folclore, não é para me divertir. Estudo para explicar por que nós hoje somos assim. E lamentando profundamente porque hoje nós estamos perdendo esse impulso do tradicional. Hoje as mocinhas já não jogam mais aquelas pedras de jogar, já não pulam mais a macaca, já não pulam mais a corda, já não brincam mais três três passar, já não fazem essas coisas. Infelizmente, isso é uma tragédia pra nós.

O que é que nós vamos, daqui a 30, 40 anos - ainda vai ficar esse resíduo -, mas o que é que nós vamos repassar para as gerações que estão vindo aí? É o pego. Ai, eu pego, o fulano foi pego, é uma linguagem, uma maneira de se expressar que não é nossa. Está tudo perdido. Nós hoje estamos a reboque do colonialismo do Sul do país. Nós estamos hoje a reboque do colonialismo oprobioso, que é o colonialismo das estações, não digo só da Rede Globo mas das outras estações, que todos os dias nos ensinam como devemos viver. As mulheres não se vestem como nós nos vestimos, não. As mulheres se vestem como se vestem os personagens da televisão. Os modistas, as pessoas que fazem a moda, fazem a moda de acordo com o que se passa na televisão. Essa é que é a verdade. E nós estamos cada vez ficando mais para trás. Eu não tenho uma receita para isso, não. Eu não tenho porque eu não posso parar. O que é que eu posso parar? Não posso dizer: "Não, é proibido". O que podia ser é se os governos tivessem uma mentalidade mais avançada, uma mentalidade mais evoluída, é que obrigassem as empresas de televisão, elas podiam fazer tudo errado, 80% errado, mas que fizessem 20% certo. O que é? Programas culturais. Vamos aproveitar festivais do folclore, festivais de música, tudo isso. Não fazemos...

Entrevista - Na época que o senhor iniciou na comunicação, foi um dos pioneiros e trouxe a televisão pra cá. Foi uma liderança nesse campo de comunicação. O senhor tinha essa

Eduardo conta, não sem uma ponta de orgulho, que algumas novelas suas fizeram tanto sucesso, que os estívolos do Cais interrompiam seus trabalhos para ouvirem suas representações radiofônicas.

preocupação de tentar levar pelo menos 20% através desses veículos?

Eduardo Campos - Nós levávamos muito mais. Basta ver aí, só a relação que nós apresentávamos, são espetáculos que o Ceará não chegou nem a ler os espetáculos que apresentamos. Nós apresentamos, por exemplo, Victor Hugo (*o mais ilustre poeta e romancista francês do século XIX, 1802-1885*), nós apresentamos o Lawrence (*Thomas Edward Lawrence, escritor britânico, 1885-1935, autor de "Os Sete Pilares da Sabedoria"*), o Eugene O'Neill (*Eugene Gladstone O'Neill, escritor e dramaturgo norte-americano, criador do moderno teatro dos EUA, 1888-1953*), o Tchekov e até o Shakespeare. Tivemos a disfarçatez de representar Shakespeare na televisão. Ibsen (*Henrik Ibsen, escritor norueguês, 1828-1906*), (autor de) "Casa de Bonecas", "A Dama do Mar"...

Entrevista - Doutor Eduardo, nós vamos entrar no segundo momento da entrevista. O primeiro momento foi do dramaturgo, do literato. E agora nós vamos entrar no homem de comunicação. E eu queria, pra iniciar, que o senhor falasse como chegou ao rádio, e a sua trajetória...

Eduardo Campos - Certo. Eu fiz um concurso, naquele tempo tinha um concurso para se entrar em rádio. Em 1942. A prova era: o examinador abria (*o livro*) "Os Sertões", de Euclides da Cunha (1866-1909), e compelia o entrevistado a ler. Então eu peguei uma passagem lá, eu li e passei. Eu sei que eu passei, e passaram dois, e nós ficamos um mês em 1942, funcionando como locutor da Ceará Rádio Clube. A Ceará Rádio Clube ainda funcionava nas Damas (*bairro de Fortaleza*), onde funcionara antes o Ideal Clube. Lá eu passei um mês. O Dermeval Costa Lima era metido a comunista, e cismou porque eu era Eduardo, ele achou que eu era integralista. Disse ao João Dummar, pai desse Demócrito Dummar (*presidente do jornal O Povo*), que eu não dava pra aquilo não, que eu não tinha voz. Aí o João Dummar, muito... me chamou e disse: "Olha, lamentavelmente você não pode ficar porque você não tem voz, você não dá pra isso". E eu disse: "Tá certo". Mas também não me pagaram. Trabalhei trinta dias e não me pagaram. Bom, aí eu saí e fiquei até traumatizado, essa é que é a verdade, porque aquilo pra mim, tinha certeza de que estava fazendo bem. E eu fui punido por uma coisa que eu não era. Só porque eu sou primo do Artur Eduardo Benevides, sou primo do (*Fernando*) Eduardo Benevides, esse

pessoal efetivamente, apesar de não serem integralistas, eram partidários do Plínio Salgado (*escritor, jornalista e professor brasileiro, foi um dos principais líderes do Movimento Integralista do Governo Getúlio Vargas, na década de 30, 1901-1975*). Mas entre a família ser e o parente não ser, há uma diferença enorme. Nunca fui.

Bom, mas Deus escreve certo por linhas tortas. Vale aquele ditado. Isso é folclore. Veio um concurso para a rádio, "Os Grandes Processos da História". Os candidatos tinham que radiofonizar. Tinham que escrever. E ao mesmo tempo um programa com a melhor reportagem para o Correio do Ceará. Eu não era nem do Correio do Ceará nem da Ceará Rádio Clube. Eu fiz o trabalho. Escrevi sobre o processo de Maria Antonieta (*Rainha da França, morreu decapitada em 1793, protagonista principal do chamado*

"Durante dezoito anos fui locutor, nunca faltei um dia de trabalho. Nunca fui repreendido na minha profissão. Nunca. Sempre procurei fazer tudo corretamente."

"*Processo do colar*") e escrevi uma reportagem para o Correio do Ceará sobre as saídas dos trens. Olha lá minha tendência: trens suburbanos. Saíam dois ao mesmo tempo. O trem de Caucaia (*município da Região Metropolitana de Fortaleza*) e o trem Mondubim (*distrito de Fortaleza*). Esses dois saíam. O pessoal dentro vendendo quebra-queixo, amendoim, aquela coisa toda, isso era um verdadeiro circo. Bom, eu fui premiado. Tirei o primeiro lugar nas reportagens, simultaneamente. Só deu Eduardo Campos.

Aí me chamaram, isso em 1944, me chamaram na Ceará Rádio Clube para entregarem os prêmios. Os prêmios eram livros publicados pela Editora O Cruzeiro. E eu comecei a conversar, já era diretor nesse tempo, não mais Dermeval, o Antonio Maria, autor da "Noite do Meu Bem". Coisa maravilhosa, um cronista, um intelectual de primeira ordem. E ele simpatizou comigo, de cara, foi logo gostando de mim. Eu não conhecia. E foi conversando comigo. E quando a reunião acabou, nós tiramos uma fotografia, ainda existe essa fotografia histórica, e ele disse: "Vamos subir para o meu

gabinete". Aí, eu subi com ele. Mas eu era mais astucioso do que ele, e já estava com o original da peça com a qual eu havia sido premiado. Aí ele veio, conversando, "você gosta de negócio de teatro, como foi essa sua peça?" Aí eu disse: "Eu até trouxe aqui, se você quiser eu posso até ler". Estava lendo, não li a metade da página. Eu vi aquela mão vir por cima da página e baixar a página. Ele disse: "Você quer vir trabalhar comigo aqui na Ceará Rádio Clube, logo amanhã?" Eu disse: "Eu quero". "Pois amanhã às nove horas você esteja aqui, que já está empregado".

Bom, foi assim que eu entrei. Entrei por uma porta. E a porta ali era larga. Porque era um homem simples que entendia, que gostava de literatura, que gostava de letras. Eu fiquei me correspondendo com ele, tenho cartas dele, ótimo sujeito, um sujeito fabuloso, era um homem de conversar até de madrugada. Era um boêmio, mas tinha uns fundamentos de humanismo, de literatura. E eu entrei na Rádio, e fiz toda aquela carreira que todos os bem sucedidos têm. Entrei ganhando 450 mil réis, passei pra 600, aí fui subindo, passei pra auxiliar de programação, passei pra programador, passei pra diretor de programa, passei pra diretor artístico, passei pra diretor, passei pra diretor geral, passei pra superintendente. E aí fiz toda a minha carreira. Mas fiz mesmo. Agora, durante 18 anos fui locutor, nunca faltei um dia de trabalho, e nunca fui repreendido. Nunca fui repreendido na minha profissão. Nunca. Sempre procurei fazer tudo corretamente.

Entrevista - Como se deu a sua ligação com os Diários Associados?

Eduardo Campos - Já era dos Diários Associados quando eu entrei. Já não era mais do João Dummar. O João Dummar foi até pouco depois de 42. Os Associados vieram e compraram a estação. Outra coisa interessante. Eu me tornei amigo dele, do João Dummar. Quase toda tarde eu ia conversar com ele, que era um homem de cultura, um homem preparado, nós ainda não fizemos justiça ao João Dummar. O João Dummar era um homem de valor, um homem culto, um homem preparado, tanto prova que ele muito antes desse trabalho pela Ceará Rádio Clube, já enxergava longe, porque o Ceará teve uma Rádio Clube do Ceará, uma entidade, em 1924. Já existia, era radiotelefonía. Não era radiodifusão, era radiotelefonía.

Entrevista - Doutor Eduardo, o senhor chegou a superintendente dos Diários Associados...



Nas peças de Eduardo Campos, a penfênia está sempre presente: é o Pirambu, o Morro do Ouro e o Lagamar. Já em Os Deserdados, o sertão seco, a caatinga serve como pano de fundo.

Eduardo Campos publicou seu primeiro texto com cerca de 16 anos na Gazeta de Notícias. O texto nada teve de jornalístico: falava sobre ele próprio - uma "tolice", como ele diz - e teve que ser pago a um colega.



Sua tia, ao receber o bebê Eduardo Campos para criar, ouviu uma recomendação: a criança deveria cumprir luto por três meses pelo pai recém-falecido. Eduardo diz que foi seu primeiro tributo à vida.

Eduardo Campos - Até a formação do condomínio dos Diários Associados eu só havia visto o doutor Assis Chateaubriand (*Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, 1892-1968*) seis vezes. E ele me elegeu e alçou para uma posição de destaque, na qual eu permaneço até hoje, sem maior confiança, só pelo meu desempenho aqui no Ceará. Ele uma vez veio aqui no Ceará e gostou do que eu tinha feito, e ele passou um telegrama: "Tudo aí é bem-feito e feito com amor". Esta frase estava lá. Era o distico, o emblemático de anúncio da TV Ceará. Aí eu alterei, tinha "tudo aí" eu botei "tudo aqui". "Tudo aqui é bem-feito e feito com amor". E isso ele era um pouco, ele levava Santo Agostinho e dizia que nós deveremos fazer as coisas sempre bem-feitas, tudo deve ser feito e muito bem-feito. Então ele, quando veio ao Ceará, visitou as nossas empresas aqui, e passou de lá um telegrama: "Tudo aí é bem-feito e feito com amor. Parabéns".

Entrevista - Qual a lembrança do ser humano, da pessoa?

Eduardo Campos - Ótima, porque era um homem que já reduzido a resíduo humano, a um resto humano numa cadeira, não parava de saber daquilo que você gostava. Como eles sabia que eu gostava de agricultura, depois de doente, já numa cadeira de rodas, repetidas vezes me convidou a ir a São Paulo pra ir com ele visitar as propriedades agrícolas no interior de São Paulo. A Porto Ferreira, que era uma fazenda de café, daquelas fazendas antigas, uma fazenda maravilhosa. E eu ia. E ele, como sabia que eu era um bebedor de vinho, e ele não gostava, nem bebia nem fumava, botava uma garrafa de vinho, e eu bebia todinho, que o vinho era bom, né? (*risos*). E ele dizia pra enfermeira traduzir: "Diga que o Manuelito, diga que ele é um devasso. Tá bebendo todo o vinho, e não devia beber todo o vinho". Aí eu dizia, com a minha espontaneidade: "Doutor Assis, se o senhor não tivesse me oferecido, não tivesse botado a bebida aqui, eu não beberia, mas se o senhor botou, estou certo que o senhor quer que eu beba, e eu não vou desperdiçar uma bebida que é a bebida dos deuses, pro senhor guardar ou jogar fora. Eu vou beber tudinho". Ele ria, achava graça... Essas coisas.

Eu conquistei o Chateaubriand mais por essa informalidade. Conto até uma coisa aqui pra vocês verem como ele era informal. O Chateaubriand não tinha hora pra dormir. E eu sempre tive, aqui pra nós. E ele veio um ano, não estava paralisado, veio se hospedar

na Reitoria. Naquele tempo, a Reitoria era um apartamento, dois apartamentos, ele ficou lá com o Irani, que era o secretário dele. E eu passei o dia com o Chateaubriand, ia pra cima e pra baixo, e entra em jangada, esai de jangada, e vai não sei pra onde. E eu cansado já. Isso foi em 1951, o Doutor Paulo Cabral era o prefeito. Quando nós fomos chegando na Reitoria, o Dr. Assis Chateaubriand disse: "Ah, meu filho, eu me lembrei. Falta visitar aquele galego que nos vendeu o edifício lá onde está o Correio do Ceará. Ah, eu preciso fazer uma visita a ele". Eu disse: "Doutor Assis, não. Tenha paciência. A essa hora, o homem deve estar dormindo, e eu também já estou cansado. Tenha paciência. Não vamos não". E ficamos lá discutindo. Repare bem. Eu, empregado dele. Eu disse: "Não senhor".

Aí o Paulo Cabral vinha chegando, essa história pode ser contada pelo Cabral, é melhor do que contada por mim, aí ele se virou assim: "Paulo Cabral, você que tá chegando numa hora, esse Manuelito está querendo que eu vá dormir, meu filho, e eu quero visitar fulano". Ele disse: "Não. Doutor Assis, deixa o Manuelito dormir.

“A televisão é um negócio. (...) Agora, antes de ser um negócio, ela é um meio de comunicação, e um meio de educar as pessoas, de difusão cultural.”

O Manuelito é da Pacatuba (*município da Região Metropolitana de Fortaleza*), ele dorme cedo. Eu vou com o senhor". E foi com ele. E nem por isso deixei de ser escolhido meu nome. Pra você ver como, às vezes, as estimas são espontâneas, não é verdade? Eu nunca bajulei ninguém, não. Eu não bajulo ninguém, não. Trato com amor, mas bajular, fazer um negócio aqui, pra conseguir, pra agradecer, faço o quê! Não há perigo. Nem com a minha mulher. Não faço mesmo. Acho que as coisas devem ser espontâneas.

Entrevista - Doutor Manuelito, antes do Chateaubriand, se fazia uma comunicação no Brasil, também no Ceará, de forma mais romântica. Mas com o advento dos Diários Associados, formou-se um grupo mais forte, mais poderoso de comunicação. Então eu queria saber como o senhor percebe a formação desse grupo, des-

sa indústria cultural da comunicação aqui no Ceará?

Eduardo Campos - (pausa) Bom, vamos ver o seu raciocínio. Você está aí falando que veio um grupo mais poderoso depois, não é isso? Vamos supor, embora vocês queiram depois dizer, mas vamos falar aqui do Grupo Verdes Mares, ou eu estou entendendo errado? Porque eu posso estar entendendo errado...

Entrevista - O Grupo que trouxe a TV do Chateaubriand, os Diários Associados...

Eduardo Campos - Não, fomos nós que trouxemos. Nós éramos os Diários Associados e trouxemos. Nós tínhamos aqui a Ceará Rádio Clube... A televisão, não sei se vocês sabem, era um departamento, não era uma empresa, era um departamento da Ceará Rádio Clube. Tanto que quando fechou nós é que sofremos. Nós que tivemos que arcar com todo o prejuízo, indenizar todo mundo. Não foi a televisão. A televisão não teve que indenizar. Fomos nós que tivemos que indenizar. Certo? Bom, eu estou situando pra nós compreendermos muito bem. Então nós tínhamos a Ceará Rádio Clube, nós tínhamos o Correio do Ceará, o Unitário, a Rádio Araripe, no Crato, e uma fazenda, a fazenda Jaguaribe. Esses eram os órgãos dos Diários Associados aqui no Ceará, correto? Bom, o resto da sua pergunta. Qual é?

Entrevista - Eu queria saber... Com esse grupo a comunicação tornou-se mais profissional, mais industrial. Como é que o senhor percebe a formação dessa indústria aqui no Ceará?

Eduardo Campos - (silêncio).

Entrevista - Porque passa de uma atividade romântica para ser um negócio...

Eduardo Campos - Ah, sim, entendi. Bom, deixa eu contar. Nós temos que ser realistas, não é verdade? A televisão é um negócio, deve ser um negócio. Agora, antes de ser um negócio, ela é um meio de comunicação, e um meio de educar as pessoas, de difusão cultural, né? Então aquilo que eu lhe disse, e eu gostaria de dar mais ênfase. Podia ser um meio de negócio em 80%. Mas em 20%, pelo menos, devia ser dedicado à revelação das pessoas e não ficarem como nós todos ficamos, quando estamos hoje no Ceará, a reboque das estações geradoras do Rio de Janeiro. A reboque da Globo, a reboque da Bandeirantes, a reboque da SBT. Então, nós não temos oportunidade. Aqui, quem ainda tem uma

Segundo Eduardo Campos, Assis Chateaubriand tinha muita admiração por ele. Manuelito se lembra com orgulho de um telegrama que Chateaubriand lhe enviou: "tudo aí é bem-feito e feito com amor".

oportunidadezinha é a TV Manchete, que ainda faz alguns programas. Mas isso diluído e sem grande importância. Já é alguma coisa. Mas nós precisávamos ter uma garantia de inserção era do nosso talento era no Brasil todo, não era só aqui, não. Correto? Naquele tempo, não. Naquele tempo, quando nós aqui tínhamos uma peça minha, "Os Deserdados", e era um sucesso, essa peça ia pra todo o Brasil. Passava em Pernambuco, passava na Bahia, passava em Brasília. Tinha outra perspectiva. Os nossos talentos daqui eram exportados por nós, mas acidentalmente, circunstancialmente, quando os Diários vinham pra cá. Mas agora não. Nós estamos numa fase impiedosa, numa fase terrível, uma fase em que eu tenho a impressão que um dia os governos vão parar pra compreender que tá certo, deve ganhar dinheiro, mas deve ganhar dinheiro respeitando os outros direitos, a finalidade da televisão não é só ganhar dinheiro. Como a do professor não é só ensinar, não é verdade?

Entrevista - Eu queria que o senhor falasse um pouco sobre o desafio de implantar uma televisão no Ceará, com uma linguagem completamente diferente, era a primeira vez que a imagem estava entrando...

Eduardo Campos - Certo, mas isso foi até fácil. Não é por minha causa, não. É porque nós tivemos uma sorte excepcional de trazer para fazer essa implantação um cidadão chamado Péricles Leal. Esse homem, na minha análise, é o homem mais entendido de televisão no Brasil. Entendido no sentido de dar uma coordenação intelectual, literária, técnica ao trabalho que ele faz. Ele foi quem me ensinou a fazer televisão. Ele que nos ensinou a todos no Ceará a fazer televisão. Ao Guilherme Neto (jornalista e radialista), ao Augusto Borges (jornalista e radialista), ao Ari Sherlock (ator), a todos enfim que trabalharam conosco aqui a fazer televisão. Hoje temos uma pessoa aqui excepcional, que devia vez por outra estar dando aula a vocês, ou ser convidado por vocês. O Guilherme Neto é um excelente profissional. O Guilherme Neto é indo e voltando um profissional de televisão. Ele entende de televisão. Entendo de televisão para armar um espetáculo, pra fazer a decupagem de um espetáculo. Então, isso tudo é muito importante. Nós aprendemos com quem? Com Péricles Leal. Foi ele o nosso professor. Aqui ele fundou uma escola pra ensinar. Todo mundo aprendeu.

Entrevista - Doutor Eduardo, com a implantação da televisão, os profissionais que foram trabalhar na TV vieram praticamente todos do rádio...

Eduardo Campos - Não, ele (Péricles Leal) não queria não. Ele nem queria que fosse de rádio, nem de teatro, nem de cinema. Ele achava que a televisão era uma linguagem própria, diferente, e que não devia ter ninguém com vícios. Naturalmente isso era um idealismo dele e acabou o staff da televisão, acabou sendo formado pelo menos com 60, 70% por pessoas que já eram de rádio ou de teatro.

Entrevista - Mas essas pessoas que vieram do rádio, como o senhor acha que influenciaram no modo de fazer televisão?

Eduardo Campos - Não, não influenciaram nada, não. Ele não deixava. Ele era o típico diretor de cinema. Ave-

"Ele (Péricles Leal) nos ensinou a todos a fazer televisão. Ao Guilherme Neto, ao Augusto Borges, ao Ari Sherlock, a todos enfim que trabalharam conosco."

maria! Como é aquele diretor italiano, formidável? Fellini. Ah, era um Fellini. Não, ah, não. Ah, nada disso. Bota outra pessoa. Televisão era televisão.

Entrevista - Como era a programação nessa época. O jornalismo, já havia uma valorização do jornalismo?

Eduardo Campos - Sempre nós tivemos uma valorização do jornalismo. Aliás, justiça se faça. Um dia também é preciso fazer escrever a história do matutino PRE-9, o mais longo, o mais antigo noticiário. Naturalmente que hoje já perdeu aquelas qualidades que tinha, mas o noticiário feito no tempo do Hermano Cabral da Justa era uma beleza, o noticiário da Ceará Rádio Clube. Eu estou falando aqui dos anos 50, 52, 55. Ele era tão obcecado pelo noticiário, que antes de ir almoçar, passava no necrotério para ver quem é que estava na lona, depois que ele ia almoçar.

Entrevista - Doutor Eduardo, o senhor comandou uma estação de rádio, dois jornais e uma estação de televisão. O senhor era uma pessoa muito poderosa. Inclusive amigos seus falaram que o senhor chegou a ser

cotado para ser governador do Estado. Eu queria que o senhor falasse sobre a sua relação com o poder. O senhor se sentia um homem poderoso? Como o senhor usou esse poder?

Eduardo Campos - Não, não. Eu não quero me fazer de bonzinho, não. Eu nunca usei o poder dessas empresas para me mal distar e para mal sinar os outros. E eu lhe digo sinceramente. Sempre tratei bem até os meus inimigos. Nunca permiti que se fizesse uma reportagem, uma entrevista em que não se ouvissem as duas partes. Nunca deixei que uma pessoa não tivesse um direito de resposta. Nunca tive vergonha de conceder esse direito de resposta. Tanto em rádio como em televisão. Aqui na televisão, eu conto um episódio pra vocês. O Venelouis (jornalista Venelouis Xavier Pereira, dono do jornal O Estado, recentemente falecido) foi acusado pelo Lúcio Brasileiro (jornalista e atual

colunista do jornal O Povo), anarquizado por ele aqui, e quase (Lúcio Brasileiro) fica mal comigo porque dei o direito de resposta no outro dia no mesmo horário. Ele achava que eu não devia. "Você sabe, ele tem o direito. Por que é que eu vou negar esse direito? Ele não pode é chegar aqui e lhe anarquizar. Ele vai dizer que aquilo que você disse é uma inverdade e foi isso que ele disse. Ele não pode chegar aqui e dizer 'o Lúcio Brasileiro é isso, aquilo'. Ai não. Ai é outra coisa. Ele pode se de-

fender, ter o direito de resposta. Ele não tem o direito de atacar, ele tem o direito de se defender."

Entrevista - O senhor se sentia um homem poderoso?

Eduardo Campos - Não, eu nunca medi esse poder, não. Eu me sentia um homem realizado. Poderoso, não.

Entrevista - Todas as vezes que o senhor se referiu ao jornalismo, o senhor se referiu à questão do respeito ao outro, da justiça, do direito de resposta. E o senhor foi superintendente dos Diários Associados. E a gente sabe que uma das características do Assis Chateaubriand era justamente a passionalidade...

Eduardo Campos - Dele, dele, dele, dele (rindo).

Entrevista - Ele utilizava o jornalismo para manipular as opiniões dele. Então o senhor, como uma liderança de um grupo que agia dessa forma, convivia com essa contradição?

Eduardo Campos - Não, não há menor contradição. Quando eu me vi ao mundo dentro dos Diários Associados, o Chateaubriand já não fazia isso.



Eduardo é autor das peças mais representadas do Ceará: O Morro do Ouro está com cerca de 350 apresentações e a Rosa do Lagamar já bateu as 500 encenações.

"Eu sou um homem mais da palavra do que da escrita", revelou Eduardo, com ênfase, para a equipe de produção.



Alguns colegas de Eduardo Campos se referem a ele como uma pessoa muito terna. Já os sindicalistas o apontam como um negociador muito duro. Manuelito se defende, dizendo que é duro, mas decente.

O Chateaubriand fez isso no tempo da ditadura (*ditadura getulista*), no tempo do Getúlio, nos primórdios. É preciso não confundir. Ele fez muito isso, e fez às claras. O Fernando Moraes (*jornalista, autor de "Chatô, o Rei do Brasil"*) diz isso muito bem, e disse uma vez numa entrevista da qual nós participamos. Diferente de outros diretores, inclusive ele citou a Globo, ele fazia às claras. Ele mandava dar um tiro nas partes pudendas do desafeto dele, mas anunciava que ia mandar e assumia a responsabilidade. Ele não fazia escondido. Ele não mandava fazer por trás.

Entrevista - Mas isso não justifica o comportamento...

Eduardo Campos - Não, não justifica, mas pelo menos justifica o lado moral dele de ter a coragem de assumir um defeito dele. E outros, que mandam fazer, ainda hoje, no jornalismo atual, mandam fazer as coisas subrepticiamente. Escondem as notas, não dão as notas como deveriam dar. Não se iluda, não. As coisas não mudaram muito, como você tá pensando.

Entrevista - Mas eu tô falando no sentido pessoal do senhor...

Eduardo Campos - Não (*risos*), eu estou só dizendo. Não. No meu contexto, eu não faria nada disso. Mesmo porque eu não sou homem de agredir ninguém. Mas o Chateaubriand fazia isso, e fazia abertamente. "Eu vou fazer". E fazia mesmo. Acabou-se a história. E ele tinha poder, é preciso ler o livro do Chateaubriand. Chateaubriand tinha poder. Eu, Ave-Maria, eu não tinha poder nenhum. Poder, tinha o Chateaubriand.

Entrevista - Mas na época que o senhor foi superintendente, o senhor disse que ele não fazia mais isso. Quer dizer que o grupo, liderado por ele...

Eduardo Campos - O grupo já não era mais comandado por ele. Quando eu assumi os Diários Associados, o grupo já era comandado pelo Doutor João de Medeiros, que tinha uma formação muito diferente. Era um jornalista mais discreto, mais calmo... Eu lhe digo sinceramente, nunca fui compelido a deixar de dar nada, nunca fui compelido a dar contra a minha vontade, contra a minha ética. Jamais! Não tenho nada pra esconder. Pode pegar as coleções, não há nada para ser escondido. Se tem uma empresa no Ceará que dava todos os fatos, contra preto, contra branco, contra azul, éramos nós, dos Diários Associados.

Entrevista - Mas nessa época, quem

estava no poder eram os militares. Como é que foi essa relação com os militares no poder, na questão da censura?

Eduardo Campos - Foi péssima, foi péssima, inclusive eu fui indiciado. Eu fui. Todo mundo sabe disso. Eu nunca andei espalhando. Fui indiciado, não tinha a Comissão Geral de Investigação? CGI? Por quê? Vou contar a história. Vou contar a história. Vale a pena contar. Nós tínhamos um jornalista, que as pessoas não gostavam dele, chamado Teobaldo Landim. Mas era muito ativo e me dava as notícias. Foi ao Fórum e viu lá afixado que a CGI ia ser despejada do prédio por falta de pagamento. Ai deu no Correio do Ceará. Ai, me interfonaram, eu chamei. "Teobaldo, onde você encontrou essa notícia?" "Doutor, eu fui lá, a notícia é pública, o senhor querendo ir comigo até lá, vamos lá, tá lá no flanelógrafo, tá lá, todos os editais tão afixados lá para conhecimento público. É coisa de rotina". Ai os homens, ai sim chama-se poder, me indicaram, a mim e ao Teobaldo.

"Ele (Chateaubriand) mandava dar um tiro nas partes pudendas do desafeto dele, mas anunciava que ia mandar e assumia a responsabilidade. Ele não fazia escondido."

Eu era o diretor, ai nós fomos indiciados. Ai nós fomos convidados para depor naquele prédio que fica perto da biblioteca, era um prédio onde funcionou antes o Centro de Artes Visuais da Secretaria de Cultura. Ai nós fomos... Veja o que é, como as pessoas são maldosas... Essa coisa eu jamais faria. Se eu fizesse uma coisa assim, eu dava um tiro na cabeça no dia seguinte. Eu entrei pra depor, mal estava me sentando, eles começaram a conversar comigo, o escrivão já tava tomando o depoimento. Quando eu dei por mim, o homem já tinha escrito quase meia página. Ai eu disse assim: "Mas pera aí, já começou o depoimento?" Ele disse: "Já". "Mas não me advertiram. Eu sou formado em Direito. Tem que me qualificar, tem que perguntar. Eu não me incomodo, não, porque o que eu disse tá dito. Daqui por diante digam que eu protestei, eu só assino o depoimento depois que escreverem aí que eu protestei e que isso é uma indignidade". Foi desse jeito. São episódios que a gente não

precisa estar contando. Agora você veja o que é a astúcia, né? Eles mandaram para a Polícia Federal. E nós éramos amigos do pessoal da Polícia Federal. Se eu lhe disser, faz até vergonha, como foi o meu depoimento na Polícia Federal. Cheguei lá "eu vou tomar é café. Eu vou escrever aqui tudo o que o senhor vai dizer, depois o senhor assina". Foi assim. Eu e o Teobaldo assinamos um depoimento que não prestamos que foi feito pela Polícia Federal. Que não gostava da CGI, e nós entramos nessa briga só pra aproveitar. Era uma injustiça porque a notícia era uma notícia verdadeira, não tinha nada.

Entrevista - Como é que começou o processo de decadência econômica que levou ao fechamento de alguns veículos e, posteriormente, o episódio do fechamento da televisão?

Eduardo Campos - Bom, vamos explicar o que nós temos hoje para depois falarmos nas tragédias. Nós temos hoje exatamente 15 jornais, 14 estações de rádio e 4 estações de TV.

Temos uma produtora de vídeo, e estamos nos preparando para fazer programas especiais, pra políticos etc, e temos uma firma também pra fazer CD-ROM. Já foram feitos dois: um sobre a Segunda Grande Guerra e outro sobre as Olimpíadas. Fora isso, nós temos propriedades agrícolas, uma propriedade nossa, a fazenda "Manga", que é uma indústria rural, vamos dizer assim. Bom, isso é o que nós temos hoje. Possivelmente nós somos hoje o sexto grupo de comunicações ainda do país, somos o quarto grupo em faturamento, que já é também muita coisa.

Agora, nós perdemos muito. Quando veio o que você chama decadência, e essa decadência foi realmente um desmoronamento de algumas amarras que nós tínhamos de sustentação... Porque nós estávamos ilegalmente no rádio. A legislação atual do rádio só permite que você tenha até 15 emissoras de rádio. Você não pode ter mais do que isso. Nós tínhamos 27, e a direção dos Associados teimava em protelar essa coisa, pensando que podia ter. E não podia ter. Então, nós fomos praticamente penalizados porque tínhamos estações demais e não podíamos. De televisão, nós só poderíamos ter cinco estações. É quanto a lei autoriza. Nós tínhamos naquele tempo doze, oito, nove, doze por aí assim. Tudo isso foi pretexto para o governo fechar. Mas tudo foi só pretexto porque o governo tá perdendo em todos os graus de recurso (*na Justiça*). Nós aqui já ganhamos a questão. Pernambuco

O nome "Manuelito" veio da época em que Eduardo Campos iniciou seu trabalho no rádio. Como escritor e dramaturgo, ele assina como "Eduardo Campos".

ganhou, a indenização para Pernambuco — você veja o que é o prejuízo por conta da tolice, do autoritarismo de uma pessoa —, a indenização da TV Rádio Clube, que era dos Diários Associados, vai ser exatamente 247 milhões de dólares.

Entrevista - *Aqui também está...*

Eduardo Campos - Não, não chega a isso não, porque não é nada grande...

Entrevista - *Mas está se lutando pra retomada da concessão?*

Eduardo Campos - Não, aqui nós já ganhamos... Não, não é. É indenização. Nós não fomos pedir uma nova concessão, não. Isso aí é outro problema. Nós fomos pedir a indenização por lucros cessantes, por ter terminado realmente a empresa, por ter fechado a empresa. Ganhamos lá, ganhamos aqui no Ceará. A nossa indenização é da ordem de 20 milhões de dólares. Já está ganha. Aqui e em Pernambuco, não tem mais o que discutir, não. O de Pernambuco, o precatório já foi dirigido ao Tesouro Nacional para incluir no Orçamento da União. Agora, espere. Nós já ganhamos em primeira instância no Pará, em primeira instância em Minas Gerais. Só perdemos totalmente no Rio Grande do Sul. Aí nós perdemos. Fechou. Nós tínhamos que indenizar todo mundo. Mas perdemos não foi por isso não. Perdemos foi por um erro tático nosso. Nós pensávamos que um sonho de integrar o Estado de São Paulo aos Diários Associados... São Paulo tinha uma direção à parte do resto dos Diários Associados. E São Paulo estava podre, essa é que é a verdade. Todo este problema foi gerado por São Paulo. Não foi pelas outras empresas, não. Aqui, o que nós devíamos, pagamos tudo. Pernambuco não devia nada. E foi fechado. O problema era São Paulo. Então nós perdemos exatamente... essa história precisa ser explicada um dia, vagorosamente. Nós perdemos por causa de São Paulo e por um sonho tolo. E São Paulo faliu. Foi a única parte do grupo Diários Associados que faliu, porque já estava falida.

Entrevista - *Eu queria saber, do ponto de vista da democratização da informação, o senhor acha que não é prejudicial realmente que um grupo só, um grupo político-econômico tenha um domínio de tantos veículos de comunicação em tantos Estados?*

Eduardo Campos - Mas isso é permitido no mundo inteiro. Nos Estados Unidos, em toda parte. Não, isso não tem problema nenhum. Tem não. Tem não porque você não pode fazer

nada contrário ao que é determinado por lei. Nós, brasileiros, é que não sabemos fiscalizar. Isso é que é verdade. Agora, quase ao final do nosso século, nós estamos desiduosos em fiscalizar. Porque se nós soubéssemos, nós já tínhamos parado os exageros etc... E com o amparo legal. Tá tudo definido na lei. A lei manda que as emissoras sejam culturais, sejam educativas. Elas não são. Elas embromam. Vendem o negócio às federações das Indústrias, aqueles 15 minutos de manhã e estamos conversados.

Entrevista - *Doutor Eduardo, o senhor ainda não explicou direito como foi o fechamento dos jornais, o Unitário e o Correio do Ceará.*

Eduardo Campos - Sim, mas aí foi um desastre. Fechou a televisão. A televisão era que ganhava dinheiro. Aí, nós ficamos pobres. O Correio do Ceará

“A memória da televisão ficou em mim, ficou em outras pessoas. (...) O nosso interesse era só durar quatro horas. Naquele tempo, nós não fazíamos memória.”

sempre ganhava, mas era pouca coisa. Não era um jornal para ganhar dinheiro. Porque nós tivemos aqui um azar. Você veja como são as coisas. Quando veio essa modernização da imprensa, não sei se vocês observaram, e é bom que observem agora, diante das minhas palavras, fecharam-se todos os matutinos que existiam. Porque os vespertinos passaram a ser matutinos. Então nós tínhamos dois jornais. Nós escapávamos até o ponto em que de manhã tirávamos o Unitário e de tarde, uma, duas horas, rodávamos o Correio do Ceará juntamente com O Povo. Quando O Povo trouxe o jornal para de manhã, o que é que nós podíamos fazer? Continuar? Dando notícia que todo mundo já dava? Porque aí, no Brasil todo, as agências de notícia já mandavam com as notícias, as principais já eram aquelas da manhã, já haviam sido noticiadas. Então nós não podíamos manter. Aí nós fomos tirando o Unitário só dia de domingo, só para dizer que tinha domingo. Era uma coisa horrível. Aí foi um desespero para nós. Nem podíamos fazer um jornal que prestasse, não podia fazer os dois que prestassem, tinha que tirar um. Mas o brasileiro, enquanto ele puder, não se desfaz.

Entrevista - *Doutor Eduardo, o que o senhor sentiu no dia em que foram lacrados os transmissores da TV Ceará?*

Eduardo Campos - Rapaz, eu senti que era uma grande injustiça e que um dia nós íamos ganhar essa... Porque realmente foi a pior coisa que nos fizeram. Aí foi um autoritarismo, um abuso de lei, de tudo. Tanto é que eles perderam. Não perderam por outra coisa. Então perderam por isso. Porque eles não tinham nada. Nós estávamos realmente em falta com o governo, mas nós tínhamos um prazo. O prazo não tinha se vencido, então isso não se podia... Mas naquele tempo não tinha regra. A regra era deles.

Entrevista - *E a memória da televisão, onde é que ficou?*

Eduardo Campos - A memória da televisão ficou em mim, ficou em outras pessoas, porque tecnicamente naquele tempo nós não estávamos preparados. Você se situe, você é uma menina-moça, bem novinha, você se situe. Nós não usávamos fixador, mesmo porque saía muito caro. E aquilo, o nosso interesse era só durar quatro horas. Naquele tempo nós não fazíamos memória. Nós fazíamos notícia. Então, e naquele tempo era tudo filmado, não tinha esse negócio de câmera, de videocassete, não. Era tudo filme. Era o Polion (jornalista e cinegrafista Polion Lemos de Souza, atualmente na TV Verdes Mares, canal 10), era o Leocácio Ferreira (cinegrafista), filmando e revelando lá mesmo na Ceará Rádio Clube. Então não podia, não tinha como fazer memória. Não dava para fazer memória. Não ficou nada. As próprias fotografias eram fotografias que não eram fixadas. Não usávamos fixador. Aquilo era só para durar enquanto se fazia. Mas nós não tínhamos essa... Hoje não, hoje tudo é mais fácil. Hoje você faz no computador, hoje é fotografia pelo computador. Já seriam as máquinas, seria uma linguagem digital, né?

Entrevista - *Doutor Eduardo, o Zé de Lima, um outro entrevistado da revista, é um velho pescador, de todas aquelas epopéias e tudo o mais, disse que não vai mais à praia porque sente muita saudade. O que é que o senhor sente quando passa ali em frente à sede do grupo Edson Queiroz, onde funcionava a TV Ceará? O que é que o senhor sente?*

Eduardo Campos - O prédio está em boas mãos. Eles são meus amigos. Eu sempre fui muito amigo do Edson Queiroz (empresário cearense, falecido em 1982). O Edson Queiroz can-



De todas as atividades que exerceu, Eduardo Campos prefere ser lembrado como dramaturgo. “Eu só tenho oportunidade de entrar para a história no meu nívelzinho de dramaturgo”, diz.

Quando secretário da Cultura, Eduardo Campos criou o Museu da Imagem e do Som (em 1980). O Museu esteve durante muito tempo desativado, mas foi reinaugurado este ano.



Apesar de pertencer à última estação do ranking das estações de rádio, Eduardo é presidente Ad eternum do Sindicato das Empresas Proprietárias das Emissoras de Rádio e Televisão de Fortaleza.

sou de me emprestar dinheiro. Nunca me negou. Ele sempre foi muito meu amigo. Tá em boas mãos. Mas eu tenho uma filosofia, uma filosofia que eu aprendi dos meus ancestrais. Eu não choro o leite derramado. Caiu, o leite derramou, é limpar o leite e acabou-se a história. É pra frente, certo? Eu não olho pra trás. Eu olho pra trás para lembrar as coisas boas. O infortúnio... Eu lhe digo sinceramente, fechou a televisão, a minha pressão mínima tava 14 e a máxima tava quase 19. E eu fui dormir, dormi a noite toda. Dormi tranquilamente. Porque eu tenho a minha consciência tranquila. Nada dessas coisas me impediram até hoje, de ter uma reação. Passou, passou, eu não discuto. Houve? Houve. Perdi o negócio, a maior preciosidade minha está perdida, acabou-se, acabou-se. Vamos pra frente. (pausa) Agora, tá bom, não tem mais não.

Entrevista - Eu queria falar um pouco sobre outra contradição que eu considero que exista. A sua obra dramática, várias vezes, trata sempre da questão social. O senhor retratava pessoas populares. E na sua atuação prática, política, o senhor foi sempre um militante classista, mais do lado empresarial...

Eduardo Campos - Da onde, criatura de Deus? Não, não, nada disso. Eu nunca me meti. Não, pelo contrário. Eu sou é sindicalista. A minha atuação é de sindicato. Eu sou presidente de uma associação, que agora é sindicato, há mais de vinte e tantos anos. Não, eu não sou presidente de nenhuma dessas entidades, não.

Entrevista - Mas o senhor é presidente de dois sindicatos patronais...

Eduardo Campos - Sim. Me botaram pra fora do Sindicato dos Jornalistas. E eu fui fundador. Que culpa eu tenho? Eu sou jornalista profissional.

Entrevista - E porque expulsaram o senhor?

Eduardo Campos - Ah, porque entrou lá um cidadão... Não vamos discutir, não, porque eu até que estou gostando dele ultimamente (risos). Ele foi e botou todo mundo pra fora mesmo. Botou o (jornalista) Armando Vasconcelos, o (jornalista) Blanchard Girão, a mim. Todo mundo. A pessoa não tem esse direito. Eu pagava em dia.

Entrevista - E hoje?

Eduardo Campos - E eu sou amigo deles. Não tem problema. Eu defendo, e eu lhe digo, pode perguntar a opinião deles no Sindicato quem eu sou, o que e que eu represento nas discussões

trabalhistas com eles, e eles vão lhe dizer. Como eu sou decente. Eu não deixo os patrões explorarem não. Pode perguntar. Eu assumo a esfera de empregado até no limite que eu posso ver que os patrões podem pagar. Quando eles estão querendo demais, também não aceito.

Entrevista - Então o senhor acha que tá nessa função como líder de sindicato patronal para tentar neutralizar esse conflito entre trabalhadores e...

Eduardo Campos - É claro. E não é mesmo? E eu não tenho feito isso ao longo do tempo? E a última greve aqui faz mais de seis anos, sete anos. Nunca mais houve greve. De gráfica, de tudo, eu tenho conseguido até hoje.

Entrevista - Doutor Eduardo, os seus colegas se referem ao senhor como uma pessoa muito terna, carinhosa...

Eduardo Campos - E não sou não? (risos)

“A greve não é um brinquedo. A greve é um instrumento de discussão fora da mesa de negociação. Mas é um instrumento de guerra.”

Entrevista - E os sindicalistas o apontam como um negociador muito duro.

Eduardo Campos - Sou. Sou duro mesmo. Sou duro mas sou decente. E quando empenho a palavra, cumpro a palavra. Isso é importante. Duro porque eu não posso aceitar propostas que não estão dentro de um contexto. São cutianas (sic) determinadas propostas. E eu não aceito, não é porque sejam cutianas, não. Tem muitas coisas da CUT que eu aceito, mas tem outras coisas que eu não posso aceitar. Eu estudei muito essa coisa.

Entrevista - Mas o senhor acha que é justo uma greve em que são demitidos 80 trabalhadores (os jornalistas cearenses que fizeram greve de 15 dias, em dezembro de 1988)?

Eduardo Campos - Olha, faz greve quem pode e tem que assumir suas responsabilidades. Se eu não tenho condições de fazer a greve, então não faça greve. A greve não é um brinquedo. A greve é um instrumento de discussão fora da mesa de negociação. Mas é um instrumento de guerra. Então a pessoa quando assume ‘não, eu vou

entrar na greve’, ele tem que prever tudo o que pode acontecer. Mas eu lhe digo sinceramente, se a pessoa tiver boas qualidades, ela não é demitida não. Eu conheço isso há muito tempo. Eu estou dentro desse contexto de jornal há mais de 30 anos. Eu conheço. E conheço todos os negociadores que assentaram comigo aqui. E outra coisa. O pessoal do jornal não é nada. O pessoal de gráfica é que é, e eu mesito muito bem com eles.

Entrevista - Mas o que significa ter boas qualidades? É aceitar as condições do jornal?

Eduardo Campos - Não, não existe isso. Condições de jornal, não existe isso. Não vamos transformar o problema em condição do empregado e condições do jornal. Patrões e empregados. Há condições da empresa. Às vezes a empresa não pode pagar. Por exemplo, nós temos uma empresa, essa é uma boa informação pra vocês, que se chama S.A. Estado de Minas.

Essa empresa – não foi o sindicato que foi pedir – deu o 14º salário a todo mundo, espontaneamente a todo mundo, diretor, todo mundo. E tudo indica que vai dar esse ano novamente. Por quê? Podia dar e fez essa distribuição. Em comum acordo com o Sindicato. Nós estamos longe aqui no Ceará de isso acontecer. Porque as empresas daqui, não se iludam não, o jornalismo aqui é pobre. Só tem fachada. Pode ficar certo disso. Nós não temos jornalismo para fazer isso como o Estado de Minas. Dar o 14º salário? Não.

Entrevista - Doutor Eduardo, o senhor está falando das empresas até agora, da sua relação com o Sindicato dos Jornalistas, da categoria. Eu gostaria que o senhor falasse um pouco da sua relação interna com representantes de outros grupos de comunicação, que nós sabemos as relações entre os grupos nem sempre são relações harmoniosas. Há relações políticas imbricadas. E eu gostaria que o senhor falasse...

Eduardo Campos - É, mas é por isso mesmo que eu sou presidente Ad eternum. Porque eu tenho o dom de conciliar as pessoas. Isso é que me honra muito, porque hoje sou diretor da última estação do ranking das estações de rádio. E eu sou presidente do Sindicato das Empresas Proprietárias das Emissoras de Rádio e Televisão de Fortaleza. Podia ser outro, não podia? Então sou eu. Eu não sou nem do Diário do Nordeste. Eu sou presidente do Sindicato indicado por eles. Eu não sou nem deles. E o pessoal do O Povo me aceita, da Tribuna (do Ceará)

Eduardo Campos citou, no final da entrevista, uma das músicas da peça “Morro do Ouro”. Ele falava sobre o retrato da Fortaleza pobre, mas também da alegria de viver da cidade. “Olha o colorido da pobreza”, dizia a letra da música.

rá), d'O Estado. Todo mundo me aceita. Porque, graças a Deus, eu não quero jogar confete, até hoje eu não tive nenhum atrito com nenhuma direção. Sempre conduzi os problemas da melhor maneira possível. E os empregados sabem disso. E eles sabem disso, que eu tenho peso. Eles sabem que eu não vou permitir que o Diário do Nordeste faça um jogo sujo contra o jornal O Povo, nem vou permitir que O Povo faça isso com o Diário nem com a Tribuna. Então essa dignidade, essa presença, vamos dizer assim, de juiz conciliador, é que tem feito a minha permanência. Eu já quis deixar, eu não queria mais não. Como eu sou há 33 anos presidente dos hospitais da universidade. Porquê? Porque eu concilio astendências médicas. Porque bicho difícil é médico. Tem que ir com calma.

Entrevista - O senhor é radialista, trabalhou como ator, escreveu muitas peças de teatro, é literato, foi presidente da Academia Cearense de Letras, é um dos condôminos dos Diários Associados...

Eduardo Campos - Sou cabecel, sou a segunda pessoa do condomínio. Sou o cabecel. Represento juridicamente toda a comunidade. Isso pra mim é uma honra. Tô dizendo isso porque é uma honra. Eu moro aqui na menor empresa, pode-se dizer...

Entrevista - Integrante do grupo Clã, foi presidente da ACL...

Eduardo Campos - E sou do Instituto do Ceará, você tá esquecendo. (risos)

Entrevista - Entre outras coisas que a minha memória não seria tão boa para lembrar. O que falta atualmente para o Eduardo Campos se realizar como pessoa? Falta alguma coisa ainda?

Eduardo Campos - Não, o que falta talvez é que eu tenha mais intimidade com Deus. Falta talvez mais espírito religioso, mais espírito cristão. E esse não tá bem aperfeiçoado ainda. Todo

dia eu pejo para ser um homem bom, eu acredito que falta só isso. Eu não quero estar numa redoma de vidro, ser um santo, não. Mas eu gostaria de ser mais virtuoso, e eu sinto que as minhas virtudes não são suficientes para me fazer um homem virtuoso, como eu gostaria de ser. Só.

Entrevista - O senhor como literato, uma pessoa muito culta, valoriza muito a leitura, qual é a avaliação que o senhor faz do jornalismo hoje, da qualidade da informação, do texto jornalístico?

Eduardo Campos - Eu não gosto não (pausa). Eu acho que nós fazemos um jornalismo muito longe do jornalismo

jornal, de cem você tira três. O jornalismo não tem apego ao que faz. Não tem amor ao que faz. Me desmintam isso que eu corto minha cabeça. Jornalista no Ceará, principalmente, não lê nem a matéria que faz. Isso é duro de se dizer.

Entrevista - De todos os títulos, de todas as atividades que o senhor desempenhou, o senhor gostaria de ser lembrado como o quê? Como escritor, como dramaturgo, como jornalista? Como é que o senhor quer entrar pra história?

Eduardo Campos - Eu vou lhe dizer sinceramente. Eu só tenho oportunidade de entrar para a história, se é que eu posso entrar para a história, é no meu nívelzinho de dramaturgo. Fora

disso, é muito difícil. Eu não posso concorrer em história, não posso concorrer em ficção, mas posso concorrer em drama. Porque um drama, antes da minha pessoa, só mesmo o Carlos Câmara (teatrologo cearense, 1881-1939). Modestamente. Então, o meu espaço é maior. Infelizmente um espaço pouco ajudado. Não tem quem critique, não tem quem analise, quem batalhe, não tem nada. É por aí, fora isso aí... Não há outro caminho. Morre o contista, morre o romancista, morre o historiador,

o folclorista, nada disso mais representa. Mas o dramaturgo, pode ficar certo disso, daqui a 100 anos, o drama, quando quiserem se lembrar do que era Fortaleza dos anos 40, dos anos 50, esse drama vai funcionar. De retratar um corte da Fortaleza pobre, da Fortaleza humilde, da Fortaleza com sua maneira de viver, com sua alegria de viver, da pobreza também, que é uma alegria estúpida de viver. 'Olha o colorido da pobreza' (cantarolando). Essa é uma das músicas do Morro do Ouro. Tá bom. Ou querem mais? (risos).

Entrevista - Não. Nós queríamos agradecer muito.



A entrevista durou cerca de duas horas e meia. Antes das duas horas, Eduardo Campos já havia feito menção de encerrar a conversa. "Não estão satisfeitos, não?"

“Eu só tenho oportunidade de entrar para a história, se é que eu posso entrar para a história, é no meu nívelzinho de dramaturgo.”

ideal. E as empresas têm condições de fazer isso. Eu acho que nós damos as notícias pela metade, não aprofundamos as notícias. Se você quiser saber, infelizmente, uma notícia com mais profundidade, você precisa comprar um jornal do Sul. Nós fazemos um jornalismo medido. De conta gotas. É uma chave, de chave e meia. E nós precisamos fazer um jornalismo de de página, aprofundada. Tá faltando, a meu ver, profundidade. Não tem profundidade. E não tem profundidade por quê? O jornalista não é tão mal remunerado, mas é mal remunerado. Segundo, ele vive de vários bicos. Terceiro, eu conheço desde o tempo do Correio do Ceará, jornalista que lê a notícia que faz no outro dia no

Após a entrevista, já no finalzinho da tarde, alguns alunos foram para um bar próximo à Ceará Rádio Clube. Os mais empolgados resolveram fazer dali o programa da noite.